

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Departamento de Educação
Curso de especialização em Educação Infantil:
Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas**

**ERA UMA VEZ, É UMA VEZ – REFLEXÕES DE UMA
EDUCADORA/GESTORA**

Tereza Cristina Simões Menezes de Souza

Rio de Janeiro - 2009

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Tereza Cristina Simões Menezes de Souza

**ERA UMA VEZ, É UMA VEZ – REFLEXÕES DE UMA
EDUCADORA/GESTORA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC – Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Professora Orientadora: Maria Cristina Carvalho

Rio de Janeiro – 2009

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a DEUS por ter me dado força, determinação e perseverança para que eu concluísse esse relato, apesar de todas as dificuldades que passei

Pontos fundamentais para chegar até aqui: o incentivo de minhas filhas para que eu não desistisse e continuasse a escrever, como também todas as ajudas concretas para a realização deste texto. A preocupação de minha mãe em ver o trabalho pronto, querendo ler e sugerindo que eu sentasse mais vezes para terminar logo. Todo incentivo e empenho da professora orientadora, Cristina Carvalho, que foi a visionária dessa história, que me fez acreditar que eu/pessoa/educadora/gestora/estudante, tinha um relato a contar, que despertou esse tema, me desafiou e “cutucou” para que tentasse explorar o máximo possível de todo conhecimento da Pós-Graduação em Educação Infantil.

Ao meu marido, companheiro de tantos anos que contribuiu efetivamente, com determinação e acreditando no meu potencial, para que a professora chegasse à gestora da Brincar de Viver.

Ao meu querido e falecido pai que tanto tinha orgulho das minhas conquistas e quem muito me ensinou a “VIVER E NÃO TER A VERGONHA DE SER FELIZ” (Gonzaguinha).

A professora Rita Frangella que com paciência, conhecimento, firmeza e doçura me incentivou a escrever o primeiro projeto da monografia

Agradeço a todas as crianças que dividiram seus mundos na *Brincar de Viver*, todas as famílias que sempre confiaram no nosso trabalho, todos os profissionais que se empenharam e se empenham em fazer a vida das crianças um momento feliz, de descobertas e trocas, aos profissionais da *Brincar de Viver* que foram solidários e compreensivos no difícil no de 2009, aos colegas e professores do curso de Pós-Graduação em Educação Infantil da PUC-Rio, que enriqueceram minha visão e prática de educadora e me proporcionaram muitos momentos de aprendizagem e a troca.

Sumário

Apresentação	p.4
Capítulo 1. Introdução – Era uma vez!.....	p.6
Capítulo 2. <i>A Brincar de Viver</i>	p.9
2.1- 2009 – Um rio que passou em minha vida.....	p.11
2.2- Empregado x Empregador – Uma administração, às vezes, complicada	p.12
2.3- Um caminho pedagógico relevante.....	p.18
2.4- Mudanças a partir do conhecimento adquirido.....	p.19
2.5- Voltando a 2009, o rio que passou em minha vida.....	p.26
Capítulo 3. Notícias da gestão (ou Ser Gestora)	p.33
3.1- O desafio consegue estimular as pessoas, até nos momentos mais difíceis.....	p.42
Capítulo 4. Desafio na <i>Brincar de Viver</i> – Caminhos de um grupo de estudos.....	p. 44
4.1- Primeiro Encontro do Grupo de Estudos.....	p. 48
4.2- Segundo Encontro do Grupo de Estudos.....	p. 51
4.3- Terceiro Encontro do Grupo de Estudos.....	p. 53
4.4- Concluindo e avaliando o Grupo de Estudos.....	p. 59
Capítulo 5. A volta por cima da <i>Brincar de Viver</i>	p.63
Capítulo 6. Conclusão- É uma vez!.....	p. 68
Bibliografia.....	p. 71

Era uma vez e é uma vez, reflexões de uma educadora/gestora

Apresentação

Este trabalho, inicialmente, queria apresentar o que as crianças de zero a seis anos estavam fazendo na Educação Infantil, a partir da concepção de que as crianças são pessoas com suas individualidades, histórias, inseridas em um contexto social, produtoras de cultura. Para entender essa concepção e a importância dos relacionamentos entre crianças e adultos foi organizado um grupo de estudos sob a minha orientação, objetivando melhorar a prática e o olhar dos profissionais frente à riqueza da infância.

No entanto, logo no início da organização desse objetivo, eu, enquanto gestora de uma Instituição particular que atende do berçário ao 5º ano do Ensino Fundamental, a *Brincar de Viver*, estava vivendo uma experiência administrativa e financeira muito difícil e, também, em conflito com a prática e os aprendizados do Curso de Pós Graduação em Educação Infantil que estava fazendo na PUC do Rio de Janeiro. Em uma conversa com a professora orientadora, ela me sugeriu que escrevesse sobre o momento que eu estava vivendo, independente do trabalho monográfico que começava a se delinear. Aceitei a sugestão e comecei a escrever sobre esse período, algumas vezes, saía da aula da Pós e registrava algumas questões. Minha grande indagação: acreditava que a *Brincar de Viver* oferecia um trabalho focado no respeito à criança, buscando atender suas necessidades, atenta às descobertas, orientando e provocando desafios nas mais diversas oportunidades, preocupando-se com a qualidade das interações entre crianças e profissionais, essa concepção era trabalhada e discutida com profundidade, baseada em teóricos renomados nas aulas da Pós, mas isso não foi suficiente para que a Instituição tivesse saúde financeira, após vinte e um anos de trabalho. A maioria das famílias verbalizava a preocupação com o aprendizado de conteúdos, questionando, muitas vezes, a importância do brincar na Educação Infantil. Estava vivendo o período mais complicado da minha história com a *Brincar de Viver* e, ao mesmo tempo, preocupada em atender o que havia planejado para meu trabalho monográfico que precisava dar continuidade.

Recorri a Cristina Carvalho, minha orientadora, explicando que não sabia como caminhar e aí veio minha grande surpresa! Cristina acreditava que a minha história com a *Brincar de Viver*, meus desafios de gestora e estudante, o caminho do grupo de estudos era o que de mais rico eu tinha para relatar em meu trabalho. Provavelmente, ela foi uma visionária, quando meses atrás me incentivou a escrever sobre meu momento de gestora, enxergou que isso era o que estava me desafiando e entendi sua idéia.

Nas páginas que se seguem, contarei uma trajetória cheia de vida, começando por descrever no primeiro capítulo, quem eu sou, o que acredito que seja importante para entender as decisões que aparecerão no relato da minha experiência.

No segundo capítulo, trago a *Brincar de Viver*, meus problemas no ano de 2009, as discussões da Pós-Graduação, as angústias vividas e a importância do conhecimento adquirido.

O desafio de gestora aparecerá nos capítulos três e quatro, onde o grupo de estudos realizado com profissionais da *Brincar de Viver* apresenta a importância de nossas histórias de vida e como isso interfere em nossas vidas de educadores.

O capítulo cinco trará as estratégias utilizadas para reverter os principais problemas da Instituição, notícias da “Volta por cima”.

Acredito que a conclusão é a porta para novos desafios e continuará me impulsionando na busca do conhecimento, na credibilidade de que pessoas são capazes de fazer toda diferença na vida e que será, sempre, através da interação, do olhar, do respeito e da afetividade que nossas crianças poderão viver de forma plena e feliz a infância.

Capítulo 1

INTRODUÇÃO – Era uma vez!

Era uma vez uma menina que foi uma criança feliz. Nasceu numa família humilde, trabalhadora, comprometida com a busca do melhor para seus filhos.

Dividiu a infância com dois irmãos, um menino cinco anos mais velho e uma menina dois anos mais nova, seus pais sempre foram presentes física e emocionalmente, preocupados em oferecer um dia-a-dia seguro, com carinho, limites, educação, amigos, brincadeiras, passeios, viagens, religiosidade, alegria, responsabilidade e muitas outras coisas...

A menina dizia que queria ser: professora, costureira, miss e mãe... Foi para o Curso de Formação de Professores, encantou-se num estágio do Colégio Teresiano, uma Instituição particular, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, que atende crianças da Educação Infantil ao Ensino Médio, onde a professora da 1ª série propunha desafios de vida como dever de casa e deixava as crianças realizarem atividades matemáticas deitadas no corredor da escola. A menina pensou: “Se um dia eu tiver um filho, quero que ele estude aqui”. (esse sonho foi concretizado, alguns anos depois.)

Após o término do Curso Normal, a adolescente foi trabalhar numa agência de viagens que abandonou três meses depois para ser auxiliar de professora em uma turma de pré-escolar e fazer Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Quando largou esse emprego, deixou para trás a oportunidade de estudar em uma faculdade particular conceituada no Rio de Janeiro e participar de capacitação nos Estados Unidos, tudo custeado pela empresa, mas ser professora, conviver com crianças, partilhar experiências e afetos: era o seu objetivo de vida.

Foi muito feliz e realizada como profissional da pré-escola, executava todas as obrigações determinadas pela supervisora pedagógica, mas buscava constantemente relacionar-se de maneira individualizada com as crianças: abaixava-se para olhá-las olho no olho, para conversar, abraçar e beijar. Ia às festas de aniversários, sempre conversava com as famílias, brincava com as crianças no recreio.

Sofreu algumas críticas de colegas, mas não deixou de continuar buscando uma relação pessoal nas turmas que trabalhava. Saiu da Instituição por ter questionado o uso de cartilhas na pré-escola, após dar à supervisora pedagógica material de estudo e capacitação que recebia como professora orientadora do CIEP de Ipanema, onde as crianças apareciam como sujeito das propostas pedagógicas.

Há vinte e um anos, comprou uma creche, substituiu recreadoras por professoras, buscou e busca capacitar seus profissionais para olhar as crianças e proporcionar a elas um ambiente de troca, alegria e diálogo.

É uma vez:

Uma mulher de 46 anos, brasileira, carioca, casada, mãe de três filhas, filha de pais sergipanos, pedagoga, gestora há 22 anos de uma Instituição de ensino que atende crianças do berçário ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Achei essa apresentação muito fria, não combina muito com meu jeito, penso que assim ficará melhor:

Sou uma pessoa muito batalhadora, sensível, amiga, mãe presente com uma ótima relação com minhas filhas, filha atenta e preocupada, casada há 24 anos, sempre buscando carinho e cumplicidade com meu marido, gestora apaixonada pela *Brincar de Viver*, procurando estar perto e aprender com as crianças com quem convivo diariamente. Estudante responsável e empenhada em fazer o melhor.

Gosto muito de ler, de viajar, de estar próxima dos meus amigos e família, principalmente dentro da minha casa.

Não gosto de errar, procuro sempre fazer tudo da forma mais correta possível, mas isso não me estressa, pelo contrário, as conquistas são sempre uma mola que me impulsiona para buscar mais. Também sou muito exigente comigo mesma e com todos que estão ao meu redor.

Apesar de ser muito otimista e tentar olhar sempre o lado positivo da vida e das pessoas, estou num momento de angústia e questionamento muito grandes quanto a minha rotina pessoal e profissional.

Não consigo entender e tenho muita dificuldade de conviver com a falta de compromisso das pessoas perante à própria vida e a vida dos outros. Isso

me intriga muito e parece que esse comportamento vem crescendo rapidamente nos dias de hoje.

Quando a falta de comprometimento aparece na fala de educadores, fico ainda mais indignada. Minhas filhas constantemente comentam sobre o comportamento de alguns professores que não conseguem manter um bom ambiente de aprendizagem na escola, não procuram soluções e simplesmente ignoram o problema, chegando a dizer o seguinte:

- Lavo minhas mãos, o problema é de vocês.
- No ano do vestibular, além de passar o dia todo na escola, os alunos devem aproveitar as madrugadas para estudar!

Questões mais amplas: políticos usando o dinheiro público para o turismo com a família, empresários não depositando impostos, policiais coniventes com o crime, adolescentes bêbados dirigindo e matando pessoas, famílias valorizando o consumo e o bem estar pessoal em detrimento de valores como ética e honestidade.

Meus questionamentos pessoais estão diretamente relacionados à minha prática de gestora, principalmente na falta de compromisso que vejo das famílias frente à educação de seus filhos, como também no comportamento de alguns profissionais. Por que esse descaso meio generalizado com a vida, com a palavra, com a honestidade e moral? Por que não fazer o combinado? Por que a aparência, o luxo e o supérfluo parecem mais valorizados que o afeto, o olhar, o sorriso? Será que as relações não poderiam ser mais verdadeiras?

Devido a todas essas inquietações e as dificuldades que estava encontrando na minha vida profissional, quero relatar sobre a *Brincar de Viver* do meu lugar de gestora, pedagoga e estudante do curso de Pós-Graduação em Educação Infantil da PUC–Rio.

Capítulo 2

A BRINCAR DE VIVER

Instituição de ensino particular, localizada na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, em um prédio alugado de quatro andares, atendendo crianças do berçário ao 5º ano do Ensino Fundamental. Oferece horário integral e períodos parciais.

Sua clientela é de classe média e média baixa, cuja maioria das famílias opta pelo horário integral e são moradores do bairro ou de bairros próximos.

Na equipe, conta com pediatra, psicóloga, nutricionista e muitas das professoras são pedagogas. Além das atividades desenvolvidas nos diferentes grupos, todas as crianças têm aula de música e a partir dos três anos, inglês e informática uma vez por semana. Também oferece um convênio com uma escola de natação, levando e buscando as crianças, cujas famílias matriculam os filhos e judô, oferecido dentro do espaço da Instituição, como atividade extra. No mês de janeiro e na 2ª. quinzena de julho, oferecemos colônia de férias para as crianças da Instituição e também para crianças que estudam em outras escolas.

As atividades nas diferentes turmas são desenvolvidas através de projetos, levando em conta a faixa etária e o interesse de cada grupo. Os projetos orientam a prática, mas o brincar, o criar, descobrir e as interações são valorizadas como o maior objetivo da Educação Infantil. Regularmente as crianças saem da escola para aulas-passeios ou mesmo para brincar ou fazer alguma atividade na Praça Afonso Pena, que fica a uma quadra da escola. De acordo com Costa (1992)

“As contribuições de Celèstin Freinet (1896-1966) também merecem destaque. Este francês, no início do século, foi designado para lecionar em uma pequena vila no interior de seu país. Em sua atividade, percebeu que as crianças que eram alegres e curiosas fora do ambiente escolar, neste se mostravam apáticas e desinteressadas. Constatou que o trabalho dentro da sala de aula era distanciado da vida que acontecia fora da escola, por isso era monótona para os

alunos; então preocupou-se em criar um modo de ligar a escola à vida das crianças. Criou as chamadas *aulas-passeio*, onde os alunos ficavam em contato com a natureza e com o mundo social e cultural:.” (p.14)

A comemoração de diferentes datas do calendário cultural da cidade também é trabalhada durante o ano e a maioria delas tem a participação das famílias nos momentos de culminância desses mini-projetos.

A *Brincar de Viver* tem como característica em seu trabalho a busca por muito entrosamento com as famílias, e eu, enquanto gestora, e toda equipe, estamos sempre disponíveis para atender as solicitações, responder as dúvidas ou mesmo trocar idéias sobre as crianças ou qualquer assunto que seja uma demanda da família. Os responsáveis, principalmente das crianças do berçário e maternal, têm livre acesso à Instituição. Essa característica costuma trazer segurança para os pais, mas, por outro lado, costuma gerar um desconforto para alguns profissionais. No entanto, essa medida é adotada desde o início da administração e, na minha opinião, é importante para manter a transparência do perfil da Instituição. Vale ressaltar que isso, às vezes, gera um problema, mas acredito que esses têm que ser resolvidos e não é a proibição da entrada dos pais na escola que irá minimizar ou evitar desagradados por parte das famílias.

Destaco também como uma forte marca da Instituição a relação afetiva que todos os funcionários mantêm com as crianças. Nossa principal meta é que elas possam ser felizes no convívio com seus colegas e todos os adultos que estão presentes no seu dia-a-dia. Costumo dizer que na *Brincar de Viver* não existe o “meu aluno”, mas que todas as crianças são de responsabilidade de todos os adultos.

Atualmente, há na equipe de trabalho, quinze pessoas, todas trabalham de 2^a. à 6^a. feira, exceto a nutricionista, pediatra e psicóloga, que tem uma carga horária de um dia por semana. Em geral, meu relacionamento com todos é muito bom. Tenho, como princípio, o diálogo, procuro saber o que pensam, escuto sugestões e reclamações, compartilho minhas dificuldades e os elogios que a Instituição recebe. Posso dizer que já tive uma gestão mais democrática, no entanto, a decepção com alguns profissionais, me fez voltar a ser bastante controladora. Procuro saber tudo que está acontecendo com as crianças,

acabo entrando no operacional em diversas situações por não ter, em alguns casos, alguém que eu possa delegar para executar as tarefas.

Considero-me uma gestora humana, atenciosa e sempre preocupada com o bem estar de todos os funcionários, mas também, muito exigente quanto às tarefas que cada um tem que desempenhar: por exemplo, faltas e atrasos por quaisquer motivos me deixam extremamente aborrecida.

2.1. 2009 – “Um rio que passou em minha vida”

Meu momento

Comecei a escrever esta parte da minha história com a *Brincar de Viver* a partir de uma sugestão da professora Cristina Carvalho, orientadora desse trabalho. “A vida prepara-se pela vida” (Freinet, 1967, p.36)

Como minha rotina de gestora estava conturbada e difícil! Em vinte e um anos de *Brincar de Viver* nunca passei por problemas financeiros tão sérios!

O mundo está em crise, o país também, mas nunca achei que essa crise pudesse afetar tão fortemente a minha escola. Trabalhamos com famílias de classe média e média baixa, onde a escola de horário integral é uma necessidade, não opção.

Será que a crise não é a causa real e sim o trabalho que a *Brincar de Viver* vem oferecendo? Será problema da minha administração? O que está errado? O que posso fazer para mudar tudo isso?

Desde o mês de abril, com a saída da coordenadora, eu estava acumulando a gestão da escola com a coordenação pedagógica. Contratei uma assistente administrativa para me ajudar no financeiro e funcional que logo teve que dividir seu período de trabalho no administrativo, com uma turma do 2º. ano do Ensino Fundamental. Como tinha experiência em sala de aula e se dizia muito interessada em colaborar para o crescimento da escola, essa foi, na época, a melhor opção para não ter que experimentar uma professora nova nesse grupo, já que era a terceira professora em três meses do ano letivo.

Aqui preciso abrir um novo “capítulo”, falar de comprometimento profissional, fazer o combinado, ter preocupação com a vida do outro (minhas angústias já citadas).

2.2. Empregado x Empregador – Uma administração, às vezes, complicada

A Instituição de ensino de pequeno porte costuma passar por alguns problemas como a saída de profissionais de uma hora para outra. Normalmente, eles não têm a preocupação com o que será daquela turma, como a escola irá substituí-lo e como fica a imagem da Instituição. Já passei por situações inacreditáveis! Em 2007, no final do ano, conversei com uma professora que já trabalhava na *Brincar de Viver* há uns dez anos sobre o desafio de ter uma turma do Ensino Fundamental, já que era uma experiência pela qual ainda não tinha passado e era uma turma que ela conhecia e que se relacionava bem com a maioria das crianças. Ela aceitou a proposta, só dizendo que precisaria de muita ajuda para assumir esse grupo. Passados dois meses de aula, a mãe de uma criança veio me procurar para colocar a preocupação com os conteúdos que estavam sendo apresentados, tudo estava muito mais fácil que no ano anterior e sua filha estava sem estímulo, e, naquele momento, inclusive, levou o caderno do ano anterior e o caderno atual para que eu pudesse comprovar o que ela estava dizendo.

Disse à mãe que iria verificar o que estava acontecendo e organizei, de imediato, alguns exercícios de problemas, leitura e interpretação, com questões que envolvessem o raciocínio lógico e a criatividade e listei alguns conteúdos que acreditava serem pertinentes para a série. No dia seguinte, quando cheguei à escola, logo encontrei com a professora do ano anterior dessa turma e mostrei a ela os exercícios e a relação de conteúdos que eu tinha preparado. Qual não foi a minha surpresa quando a professora disse que já havia trabalhado tudo aquilo no ano anterior! Esperei a professora da turma chegar, para saber o que estava acontecendo e, dessa vez, fiquei ainda mais surpresa! Já estávamos no final de março e a coordenadora ainda não tinha entregue o conteúdo programático a essa professora, disse para ir fazendo só revisão, e a professora, por sua vez, não procurou e pesquisou o que poderia estar oferecendo ao seu grupo, já que havia percebido que todos executavam as

propostas com muita facilidade. “Quase dois meses perdidos”! Essa era a frase que escutávamos das famílias. Acabei assumindo o problema e traçando metas diferentes para esse grupo, junto com a professora: ajudava a criar desafios, separava textos atuais de jornais e revistas, trazia material, etc.... tudo que pudesse melhorar o trabalho que vinha sendo oferecido e, regularmente, mantinha contato com a turma para acompanhar o que estava sendo trabalhado. Na reunião de entrega do boletim do 1º bimestre, explicamos às famílias o que havia acontecido e a reorganização do trabalho. Os pais relataram que já estavam conseguindo perceber as novidades na proposta e acreditavam que o caminho estava correto.

Durante esse período, vieram meus questionamentos da conduta dos profissionais envolvidos: a coordenadora sabia que a professora não tinha experiência com o Ensino Fundamental, por que não orientou e acompanhou mais de perto esse grupo? Por que não havia entregue a relação dos conteúdos que deveriam ter sido trabalhados? Por que não avaliou com a professora do ano anterior em que nível estava o grupo e informou à professora dessa turma, para que o planejamento fosse adequado? E quanto à professora que não tinha experiência, por que não foi pesquisar o que trabalhar com crianças dessa série? Por que não disse à coordenadora que tudo que apresentava em sala as crianças realizavam com muita facilidade sem demonstrar muito interesse? Não ter experiência é o mesmo que não ter iniciativa? Era uma pedagoga, formada pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), parecia sempre querer o melhor para as crianças que trabalhava e para à *Brincar de Viver*, por que silenciou o que estava acontecendo? Onde está o compromisso profissional? Foi um episódio de descaso ou irresponsabilidade da coordenação? Será que eu, enquanto gestora, não posso dar autonomia aos profissionais e tenho sempre que fiscalizar o que estão fazendo? De acordo com Freinet (1967, p. 15): “É certo que, em toda profissão, há uma técnica a dominar. E domina-se, não por truques ou sortilégios, mas segundo leis simples e de bom senso, pois nunca há contradição entre ciência e técnica de um lado e, do outro, bom senso e simplicidade.”

Quando chegou o mês de junho, a professora me informou que só ficaria na turma até o final do semestre, alegando que não estava gostando da

experiência. Eu, apenas, perguntei a ela sobre o compromisso de trabalhar com o grupo até o final do ano letivo, pois, apesar de não estar gostando, tinha dado a volta por cima e estava realizando um bom trabalho. Ela disse que não queria mais e sairia em julho. Comunicamos às famílias na reunião de entrega das avaliações do 2º bimestre e todos foram unânimes em dizer que era uma pena porque as crianças estavam muito empolgadas e o planejamento rico e adequado à série. Mas não houve jeito e tivemos que contratar outra profissional.

A nova professora passou por um processo seletivo rigoroso, já que não queríamos errar novamente com esse grupo. Atendia aos pré-requisitos necessários. O 2º semestre começou de forma tranqüila, parecendo que tudo daria certo, mas, após 40 dias das aulas reiniciadas, a professora procurou a coordenação para reclamar do comportamento de alguns alunos que constantemente comparavam seu trabalho com o da colega anterior e ela não sabia se iria suportar essa situação. Conversamos em equipe e a psicóloga passou a fazer um trabalho na turma para tentar sanar o problema e melhorar a auto-estima da professora. Novamente, parecia que tudo estava adequado aos objetivos propostos e, com o acompanhamento da equipe tentando se antecipar a qualquer eventualidade, conseguiríamos manter um bom trabalho até o final do ano letivo. Algumas situações compatíveis com a rotina escolar aconteciam, mas eram resolvidas de imediato. No início do mês de novembro, a coordenadora me comunicou que a professora havia pedido demissão, só esperaria arrumarmos uma substituta, mesmo sabendo que o ano letivo terminaria por volta do dia 12 de dezembro. Alegou problemas pessoais, não estava conseguindo organizar sua vida familiar, tinha marido e um filho adolescente e tudo estava confuso. Conversei com ela, mas não houve jeito de convencê-la. Quando saiu, faltavam apenas quatro semanas para as aulas terminarem. O que fazer e o que dizer naquele momento para as crianças e seus pais? A professora era “louca”, irresponsável ou simplesmente contar o que ela havia dito? Contamos a verdade, deslocamos a coordenadora para terminar o mês que restava, o planejamento foi cumprido e o trabalho avaliado como muito bom, mas cinco crianças dessa turma não renovaram matrícula para o ano seguinte.

Novamente pergunto: onde está a palavra, o compromisso assumido, a preocupação com o outro, a responsabilidade? Quando contratamos essa profissional, ressaltamos a importância de que ela ficasse até o final do ano, para que as crianças não passassem por mais perdas. Ela disse à coordenação e à direção que tínhamos a palavra dela, só que até hoje, me pergunto onde essa palavra estava? Como administrar situações dessa natureza quando trabalhamos com seres humanos, pessoas que merecem atenção e respeito? Por que não esperar tão pouco para cumprir o combinado? Ressalto que não havia acontecido nenhum problema sério entre ela e a Instituição, seu pagamento estava rigorosamente em dia e mantinha um bom relacionamento com os colegas. Esse descaso com o outro é característica do mundo moderno?

Destaco outra situação onde aparece a falta de respeito de um educador com as pessoas. Acredito ser importante colocar o perfil desse profissional: professora, pedagoga, bom nível sócio-cultural, leitora de autores conceituados, sabedora da filosofia da *Brincar de Viver*, começou conosco em 1995, como coordenadora. Naquela época estava trabalhando no berçário, realizando o que dizia ser seu objetivo profissional - estar com os bebês. Certo dia, uma mãe chega de manhã cedo e pergunta a ela o que havia acontecido com sua filha no dia anterior porque tinha sido mordida. Resposta da professora:

- Não sei, só trabalho até às 12 horas, até a hora da minha saída não havia acontecido nada, mas a noite, você pergunta para as meninas do berçário!

Durante todas as reuniões com os funcionários, sempre enfatizamos que todas as crianças são de responsabilidade de todos, que se não sabemos o que houve, é preciso averiguar e dar um retorno. Ou seja, o problema de um profissional é problema de todos que estão preocupados com o bem estar das crianças. Mesmo sabendo de tudo isso, a professora deu essa resposta à mãe. Questões para serem analisadas: houve falta de respeito com a mãe, com as colegas do berçário e com a direção da escola? É ético "lavar às mãos" quando se trabalha em equipe? Onde estava o compromisso com a Instituição de ensino que a contratou? Profissional, de maneira geral e, principalmente, educador, não tem a responsabilidade de dar bons exemplos de ética?

Segundo Tiriba, (2001) é importante:

“Buscar transformar essa realidade – fazendo das creches um espaço de significativos, singulares e prazerosos encontros humanos – significa caminhar no sentido de qualificar o dia-a-dia de crianças e as relações que hoje se estabelecem entre creches e famílias.” (p.13)

Para finalizar a exposição de fatos que me deixaram e deixam muito intrigada, como pessoa e gestora, quero relatar um exemplo mais recente: a comunicação do pedido de demissão de uma professora do Ensino Fundamental, dando à escola o prazo de 24 horas para contratar uma substituta. Perfil da profissional: professora, pedagoga, criativa, organizada, há três anos trabalhando na *Brincar de Viver*, constantemente trazendo novas idéias para o trabalho e contribuindo com a organização como um todo. Como o fato ocorreu: cheguei à escola em uma manhã de 2ª feira e a professora disse que precisava falar comigo. Ela foi conversar e relatou sobre o desenvolvimento de um aluno e disse que a partir do dia seguinte não poderia mais dar aula para sua turma porque havia sido chamada para outra escola e já deveria ter começado. A princípio, achei que não tinha entendido alguma coisa e pedi para que ela repetisse. Quando finalizou, disse que não gostaria de sair, mas o salário era mais alto. Perguntei quanto iria ganhar no novo emprego, pois queria poder cobrir a proposta, mas, devido aos meus problemas financeiros, não podia nem sequer igualar com o que ela iria receber. Um tanto zozza, questionei por que não havia me informado logo que soube, tinha como me localizar no final de semana, por que tinha feito as coisas desse jeito?

Precisava pensar e agir, pois no dia seguinte a turma não teria mais a professora. Rapidamente, tive a idéia - se os pais concordassem e se ela quisesse - de mudar o horário das crianças. Isso seria um procedimento um pouco complicado, a única turma que teria a escolaridade em outro turno, mas como confiava no trabalho dela com as crianças, seria uma decisão difícil, mas muito mais rápido e, provavelmente, menos arriscado do que contratar uma outra profissional. Na hora, ela achou a idéia ótima, poderia continuar com a turma. Comecei a entrar em contato com as famílias, expliquei o que estava acontecendo e todos foram unânimes em achar um absurdo uma saída tão intempestiva, mas concordaram sem maiores complicações. Uma única família

que conversamos pessoalmente, perguntou à professora se ela não mudaria de idéia, se iria manter o compromisso até o final do ano e ela disse que sim, que tínhamos a palavra dela. Estava então decidido e a partir do dia seguinte a turma começaria a estudar no turno da manhã.

No final da tarde, essa mesma professora veio me pedir se sua filha poderia ficar na *Brincar de Viver* no dia seguinte no turno da tarde. Quando não tinha aula, a menina ficava conosco nesse horário e sua escola estava fechada devido à gripe Influenza A. Achei a idéia muito ruim, como a professora sai da escola de um dia para outro e ainda quer que eu concorde com sua filha na Instituição? Disse que não e ela ficou insistindo muito. Nessa hora, recebi o telefonema de uma mãe, querendo algumas informações e atendi a ligação, pois minha prioridade sempre foi atender as famílias. Nesse diálogo, interrompido, aceitei que a criança ficasse à tarde na *Brincar de Viver*, apesar de achar muito errado. À noite, refleti com calma e cheguei à conclusão que havia tomado a decisão errada e conversaria com a professora na manhã seguinte. Não achava justo após o procedimento que ela teve enquanto profissional e sabendo, que a diretora da Instituição que iria trabalhar havia disponibilizado para que a criança ficasse na nova escola até suas aulas retornarem, permitir que a menina ficasse conosco. Essa permissão provavelmente geraria comentários dos colegas: depois de tudo que havia feito, a direção ainda tinha sido “boazinha” com a professora.

No dia seguinte, quando cheguei à escola fui imediatamente perguntar à professora se ela não conseguiria outro lugar para a criança ficar à tarde, pois não achava correto com a *Brincar de Viver* e inclusive disse que ela poderia utilizar o telefone para comunicar à nova diretora que iria levar sua filha. Foi um problema na hora! A professora ficou muito irritada, tentou alterar a voz comigo, foi grosseira e não quis escutar os meus argumentos. Voltou para a sala e em seguida, um funcionário da escola veio me entregar a carta de demissão dela, avisando que ela estava indo embora. Pedi que ele a chamasse e, ao retornar, o funcionário disse que ela não viria. Fui ao seu encontro e tentei conversar, ela continuou dizendo que iria embora, expliquei que havíamos conversado muito no dia anterior, antes de mudarmos o turno dos alunos e ela havia se comprometido comigo e com as famílias que ficaria até o final do ano: o que seria feito da turma? O que diríamos aos pais? Pedi que retornasse para a sala

e continuasse a desenvolver o trabalho que havia começado naquela manhã. Com muita dificuldade ela retornou mas, depois de uma hora, passou na recepção da escola com a filha, seus pertences e foi saindo. Naquele momento, eu estava conversando com a avó de uma criança, pedi licença, chamei a professora e disse que precisávamos dialogar, de costas, só me respondeu o seguinte:

- Hoje não! E saiu e nunca mais voltou para a turma.

Reflexões sobre esse episódio: qual o grau de comprometimento das pessoas com seu trabalho? Qual a importância que as crianças/alunos têm para seus professores? Eu, enquanto gestora, mudei a minha palavra, mas caso tivesse permitido o que a profissional queria, como ficaria minha imagem diante de todos que trabalham na Instituição? Um professor que avisa com 24 horas que está deixando a turma, lembrando que tinha meios de me comunicar, no mínimo, com quatro dias de antecedência, merece ser atendido em um pedido que não está diretamente relacionado a sua vida profissional, mas sim a pessoal? A empresa não conta com uma rescisão de trabalho tão intempestiva, como pagará a mesma, sabendo que se não pagar no prazo correto tem uma multa muito alta? Como selecionar um profissional que cumpra com suas obrigações e não prejudique as pessoas que estão a sua volta?

2.3. Um caminho pedagógico relevante

Só para lembrar, estava acumulando a gestão da Instituição, a coordenação pedagógica e a assistente administrativa estava em sala de aula no período da tarde.

Com isso, fiquei um pouco mais atribulada, mas parecia que conseguia organizar o administrativo e o pedagógico com sucesso, apesar dos problemas financeiros.

Aliás, era incrível como o pedagógico estava caminhando bem! Tentava aproveitar ao máximo os aprendizados do curso de Pós-Graduação que estava fazendo. Durante as aulas e no estudo dos textos, estava constantemente fazendo conexões com minha prática de gestora.

No início de 2009, optei por deixar duas turmas de idades diferentes juntas. O número de crianças desses dois grupos separados era muito

pequeno para suportar o custo de uma professora em cada um deles e acredito que as crianças precisam ter oportunidades de trocar experiências entre si e é papel da Instituição oferecer instrumentos para facilitar esses momentos. Um grupo maior permite mais trocas e enriquece as interações, por isso, fizemos uma turma de idades diferentes.

De acordo com Leite Filho (1999):

“Muitos estudos e pesquisas mostram que, ao contrário do que a escola tem proposto como modelo de agrupar as crianças por idade (turma de 1 a 2 anos, turma de 3 a 4 anos etc...), para favorecer o desenvolvimento das crianças é imprescindível que a educação infantil favoreça o relacionamento entre crianças de idades variadas...” (p.55)

Parecia uma estratégia lógica e sensata, mas havia dois problemas: a professora que dizia não saber como planejar suas atividades e as famílias dos dois grupos: a dos mais novos, poderia questionar se não havia perigo no relacionamento com os mais velhos e as famílias dos mais velhos se eles não poderiam regredir nos relacionamentos com os mais novos e como ficariam os conteúdos pedagógicos.

Preciso lembrar que a situação da escola era delicada e também não queria correr o risco de perder alunos. Sendo assim, busquei um novo caminho, a partir do diálogo com a disciplina Alternativas Pedagógicas da Educação Infantil, que estava cursando na Pós-Graduação.

2.4. Mudanças a partir do conhecimento adquirido

Nas minhas observações informais da turma e da relação que tenho com as crianças, sempre encontrava movimentos de alegria, desafios, brincadeiras, num ambiente afetivo, de diálogo e troca de experiências das crianças entre si.

No entanto, a professora, apesar de parecer segura no convívio com essa turma e consciente do que podia estar agregando à vida das crianças, constantemente mostrava-se preocupada com os conteúdos que deveria estar trabalhando com os mais velhos e como fazer isso ao mesmo tempo e no mesmo espaço que estavam os mais novos.

Conversar e traçar idéias sobre a importância do olhar do adulto, o respeito à individualidade e história de vida das crianças e propiciar relações de

alteridade e diálogo, me pareceram argumentos superficiais para que a professora pudesse acreditar que já estava desempenhando o melhor que podia nesse grupo.

Com a leitura de textos como: “Educação Infantil: Instituição, Função e Proposta” (Nunes, 2006) e “Propostas Pedagógicas ou Curriculares da Educação Infantil: para retomar o debate” (Kramer, 1997) resolvi experimentar uma estratégia de trabalho nesse grupo, partindo da professora Marina.

O primeiro passo foi pedir a ela que refletisse como se sentia no grupo e os rastros que estava conseguindo deixar. Inicialmente, foi um pouco difícil ouvir suas colocações, mas quando começaram a fluir, fui pontuando frases, colocadas por ela, que considero importantes para aprofundar essa reflexão, tais como:

- Gostam de brincar juntos.
- Os mais velhos ajudam os mais novos para entenderem o que estou pedindo e quando não conseguem fazer alguma coisa.
- Conversam muito, uns com os outros.
- Os maiores tentam traduzir o que os menores estão querendo dizer.
- Catarina, às vezes, age com eles, como se fosse a professora.
- Eu me relaciono muito bem com eles, converso, brinco, faço carinho, sei quando estão chateados, só interfiro nas disputas quando é necessário, etc...

Com esse relato, percebi que realmente havia respeito às crianças e que juntos estavam tendo a oportunidade de produzir conhecimento e trocar experiências.

Após esse encontro, apresentei à Marina¹ definições encontradas no texto de Kramer (1997), tais como:

...”propostas pedagógicas se concretizam na prática...” (p. 1)

...”também na década de 70, Piaget parecia trazer a chance de uma educação, em que o sujeito é ativo, pensa, constrói...” (p. 3)

...”currículo...Seu uso metafórico em educação seria a busca de um caminho, uma direção, que orientaria o percurso para atingir certas finalidades.” (p. 6) (Kishimoto, 1994, apud Kramer, 1997)

¹ Os nomes utilizados neste trabalho, de todos os profissionais, crianças e familiares da *Brincar de Viver*, são fictícios.

...”currículo como ”conjunto de experiências que o aprendiz adquire sob a responsabilidade da escola.” (p. 6)

...” currículo como ”explicitação de intenções que dirigem a organização da escola visando colocar em prática, experiências de aprendizagem consideradas relevantes para crianças.” (p. 7)

...”sendo os alunos individualidades distintas, interpretam e vivenciam as situações de modo variado; nesse sentido, cada aluno tem um currículo.” (p. 7) (Kishimoto, 1994, apud Kramer, 1997)

...”é no espaço construído na interação com outras pessoas que ocorre a ação educativa. Assim, considera o currículo como “um roteiro de viagens coordenada por um parceiro mais eficiente: o educador ou professor.” (p. 8)

...”O uso de projeto educacional indica para a autora, intenção e compromisso do adulto em relação à criança, nos planos físico, psicológico ou social.” (p. 9)

Lemos, refletimos, discutimos e relacionamos as frases à prática, conseguindo ver que o trabalho desenvolvido no grupo estava levando em consideração a ação das crianças.

Para também envolver as famílias nesse processo, marcamos uma reunião de pais para apresentar o dia-a-dia de seus filhos na Instituição. Objetivando conciliar o interesse dessas famílias, a circular/convite enviada para casa, já solicitava que colocassem o que consideram ser experiências relevantes para seus filhos.

Com as respostas recebidas (100% dos pais devolveram a questão à escola), organizamos a reunião da seguinte forma:

- Definição do que a Instituição acredita ser um espaço de Educação Infantil.
- Apresentação das colocações das famílias.
- Troca de idéias sobre as relações das crianças e como os pais estão acompanhando o trabalho com seus filhos.
- Comentários da professora frente aos desafios na rotina educacional.
- Avaliação do encontro.

Acredito que é a partir do olhar dos adultos frente às necessidades das crianças que haverá concretamente uma nova escrita da Proposta Pedagógica. Igualmente, Leite (1995, p. 76) destaca que: “Conhecer as crianças é buscar

compreender seu pensamento, sua visão de mundo, suas relações socioculturais.”

Os procedimentos adotados nortearam o trabalho nesse grupo, levando a professora a promover desafios interessantes para as crianças, buscando, cada vez mais, relação de diálogo e alteridade no espaço educacional.

A contribuição e participação das famílias foram valorizadas, os pais deixaram de se preocupar com a diversidade das idades, mas procuraram interagir com as ações de seus filhos, acreditando na importância das produções individuais e na riqueza que as trocas das crianças entre si têm para que a infância possa ser vivida em sua plenitude. Essa fase, onde as crianças precisam da ajuda de outros para realizar determinadas atividades, construindo seu conhecimento através de pistas e da colaboração de colegas ou mesmo dos educadores, é importante para o desenvolvimento. Para Vygotsky (1984), essa etapa é chamada de zona de desenvolvimento proximal e talvez seja até mais importante que as atividades que a criança consiga realizar com independência.

”Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” (Vygotsky, 1984, p.97)

Meu comentário sobre o trabalho implementado

Acreditava e acredito nessa linha de trabalho na Educação Infantil, apesar da dificuldade em mostrar aos profissionais e famílias que as relações estabelecidas são mais importantes que os conteúdos que possam ser “ensinados”. Parece haver uma necessidade de só transmitir conhecimentos, e conciliar essa expectativa com o aprendizado que as brincadeiras e as interações trazem é muito difícil, principalmente numa Instituição de ensino de pequeno porte na zona Norte do Rio de Janeiro. Freinet (1967, p. 54) destaca: “Então, quando será que os adultos deixarão as crianças caminharem no seu

passo de criança? Quando será que, com olhos de criança, verão as crianças viverem?”

Lembro que no primeiro período da Pós-Graduação, nas aulas de Teorias do Conhecimento e a Criança de 0 a 6 Anos, quando discutíamos a irrelevância de se trabalhar as cores, figuras geométricas, números e outros conteúdos pensados como fundamentais para educadores e familiares, onde o brincar seria, e acredito que é, uma das atividades mais importantes para a infância, perguntava à professora como fazer isso acontecer nas relações educativas. Como mostrar que os “trabalhinhos”, tão esperados e valorizados, não constituem a base para uma formação íntegra e verdadeira para as crianças?

“Segundo Jobim e Souza (1994):.

.. “a principal contribuição da brincadeira no desenvolvimento da criança é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual. Assim sendo, quando a criança brinca, ela normalmente mostra no jogo um comportamento mais sofisticado do que aquele que ela, normalmente, apresenta na vida diária.” e segundo Guimarães (199, p.1): “Na brincadeira, a criança coloca-se ativamente na relação com a realidade, recriando-a, construindo sentido sobre ela.” (p. 39)

Essas questões vinham constantemente atravessando minha vida profissional e, nessa época, também, minhas reflexões como aluna. Enfim, a estratégia implementada deu certo e quando chegou o mês de novembro, tivemos 99% de re-matrícula nesse grupo, a exceção de uma criança que a família parecia bem satisfeita com o trabalho realizado e era muito participativa nas propostas da escola. O motivo parece inacreditável e reproduzo aqui o texto do e-mail enviado pela mãe.

Oi, Tereza, tudo bem?

Embora tenha manifestado interesse em renovar a matrícula do Daniel para o ano que vem, fui surpreendida pela intenção do pai dele e dos meus pais de me ajudarem com os custos da escola em outra Instituição de ensino que o preparará até o vestibular. Em razão disso, ele não continuará os estudos na *Brincar de Viver*.

Apesar disso, quero ressaltar a importância da *Brincar de Viver* ao longo desse tempo em que o Dani tem estado com vocês, pois contribuiu em muito para o desenvolvimento dele.

Quero elogiar o trabalho da Escola, bem como dos profissionais, em especial a professora Marina, excelente pedagoga, carinhosa e criativa.

Por fim, embora ele vá trocar de escola, quero deixar claro que não nos afastaremos daí, principalmente por causa das atividades extras por vocês oferecidas, como colônia de férias, da qual pretendo que ele participe em janeiro de 2010.

Beijos,

Paula Freitas

Nesse momento, tenho que destacar um fragmento de Kramer (1994):

”precisamos de uma perspectiva interdisciplinar capaz de considerar singularidade e totalidade, ampliando ainda o próprio espaço da interdisciplinaridade para além das áreas do conhecimento científico e nela incorporando as dimensões estética e ética da vida humana, ou seja, reconhecendo como cruciais os valores, afetos, paixões, desejos dos atores – crianças e adultos.” (p.28)

Será que tenho razão quando questiono o que as famílias acham importante que a escola ofereça?

Minhas reflexões entre o que é fundamental na vida das crianças e o que a realidade apresenta são constantes e estou o tempo todo fazendo conexões entre o discurso e a prática. “... a forma adulta é tida como ponto ideal de chegada no desenvolvimento da criança.” (Guimarães, 2004, p.1) Após um encontro com a professora Patrícia Corsino, pedagoga, com Mestrado e Doutorado pelo Departamento de Educação da PUC-Rio, ao apresentar sua tese de doutorado, cujo tema é “Infância, linguagem e letramento”, escrevi um texto que posso chamar de DESABAFO.

19/10/09 – Apresentação do Trabalho de Patrícia Corsino

Hoje, voltei a ficar muito incomodada com as colocações que escuto na Pós e com a realidade que convivo profissional e socialmente. As condutas profissionais, que aparecem em muitas escolas, valorizam o aprendizado

sistemático de conteúdos por crianças muito pequenas, escuto desde o 1º período sobre a importância da relação dialógica, do olhar para a criança, do relacionamento etc.. No entanto, ninguém diz concretamente como trilhar esse caminho, não penso em uma receita, mas sugestões que possam ser experimentadas, um ponto de partida para a prática.

Estou com uma estagiária do 6º período de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que tem que fazer um estágio de 90 horas de observação. Conversei com ela sobre a importância de interagir com as crianças e profissionais da Instituição, que procurasse relacionar-se com as crianças.

No seu 4º dia de estágio, junto com a professora da turma, presencio a seguinte situação: a professora fazendo carinho em uma criança que estava sonolenta, outra criança acorda, levanta do colchonete começa a chorar e a estagiária sentada olhando a cena.

Pedi a ela que se aproximasse da criança que estava chorando e tentasse conversar com ela, acalenta-la. A estagiária aproximou-se da criança, começou a conversar e ela logo parou de chorar. Aí surgem minhas questões: caso eu não tivesse chegado na hora, ela continuaria sentada observando a cena? O que ela tem estudado na faculdade de Pedagogia? Caso fosse contratada para trabalhar em alguma escola, saberia fazer outra coisa além de trabalhos? É apenas falta de iniciativa e não de conhecimento? Só é valorizada a relação adulto x criança nos cursos de Pós-Graduação?

Esses questionamentos estão relacionados aos profissionais, mas, na minha opinião, o que mais me desequilibra é o discurso das famílias: o que meu filho está aprendendo? Só brincou? Quando vai fazer o nome? Ele está muito atrasado!

Como proporcionar ambientes ricos em trocas, brincadeiras, explorações, alegrias, se a família só quer saber de conteúdos? Por que o carinho, atenção e respeito não são valorizados? Por que a escola que tem trabalhos em papel para crianças de 2 anos é mais valorizada?

Será que nossos professores da Pós-Graduação têm conhecimento dessa realidade? Como convencer as famílias que o mais importante é a felicidade das crianças?

Tenho certeza da importância do relacionamento na minha experiência materna, mas não vejo isso na maioria das famílias que trabalho, nem nas minhas relações com amigos... O importante parece ser sempre o vestibular, as notas de uma escola tradicional que, muitas vezes, ignora o humano que existe em cada pessoa que ali está para viver seu processo educacional.

Sei de belíssimas experiências que foram realizadas com sucesso, a educadora Madalena Freire conseguiu desenvolver um trabalho, na Escola da Vila no bairro da Vila Madalena, em São Paulo no ano de 1978, com paixão, entrosamento com as crianças, onde o conhecimento era construído nas relações diárias, sempre com envolvimento, emoção, estudo, pesquisa e troca de experiências.

Quando li *A paixão de conhecer o mundo*, um relatório da prática educacional dessa educadora, pensei nas diversas possibilidades que podemos ter nos espaços de Educação Infantil e tenho certeza que minha meta de educadora é possibilitar que profissionais e crianças encontrem o caminho prazeroso de aprender, mas concretizar esse caminho é um desafio que, muitas vezes, parece impossível. Um desafio que envolve crianças, professores, famílias e toda a comunidade educativa. Acredito no ideal, descrito por Madalena Freire (1982): ...“se a prática educativa tem a criança como um de seus sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre o cognitivo e o afetivo, e sim uma relação dinâmica, prazerosa de conhecer o mundo.” (p. 15)

2.5. Voltando a 2009, O RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA

No entanto, apesar do bom caminho que o pedagógico conseguia concretizar, o financeiro da escola estava com sérios problemas.

Há três anos que a receita era insuficiente para cobrir as despesas, mas havia um equilíbrio nas contas a serem pagas. Não havia atraso de salários e o pagamento de todos os impostos e encargos estavam em dia, exceto meu pró-labore que estava bem defasado e lucro não existia mais. Meu marido insistindo para que eu vendesse a escola, que eu estava me acabando, que

não tinha mais jeito, que eu já havia feito várias tentativas. Nessa época, minha supervisora da Metropolitana, órgão da Secretaria Estadual de Educação, responsável pelas escolas de ensino particular da cidade do Rio de Janeiro, que é uma pessoa que eu já conhecia, seu filho havia sido aluno da *Brincar de Viver* há quinze anos atrás e temos um relacionamento muito próximo, foi me procurar. Ela tinha uma aluna em um curso de Secretário Escolar que estava interessada em montar uma escola e como ela sabia da dificuldade que eu vinha passando, foi me perguntar do meu interesse em vender. Foi um momento muito duro! Ela ressaltou toda a minha dedicação, do porque de eu não investir em outras áreas da educação, que eu estava muito desestimulada, que era uma oportunidade de mudar meu rumo profissional. Ouvi atentamente todas as colocações, pensando em cada uma delas, também já vinha me questionando sobre minha vida e a *Brincar de Viver*, mas não estava preparada nem para ouvir uma proposta. Nas aulas da Pós-Graduação, muitas vezes, pensava em investir na vida acadêmica, ter tempo para me dedicar a um Mestrado, trabalhar com capacitação de professores, mas não imaginava, e não me imagino, longe da minha Instituição definitivamente. Tenho amor e acredito no que faço e vender, naquele momento, me parecia ser um atestado de fracasso. Sabia de todas as conquistas que já tinha alcançado, houve épocas com ótima saúde financeira, conhecia vários jovens felizes e bem sucedidos na vida escolar que tinham começado lá, naquela Instituição que hoje parecia concretamente estar à beira da falência, para alguns especialistas, já estava falida.

Estava muito cansada, desesperada, e uma mudança para melhorar a situação parecia realmente impossível. Cheguei a me afastar de amigos próximos para não ter que comentar sobre a situação que a escola estava passando. Tomei uma decisão: iria investir com todas as minhas forças para recuperar a *Brincar de Viver* e aí sim poderia pensar em vendê-la, mas não queria fazer isso durante essa turbulência e ainda ter um sentimento de incapaz enquanto gestora.

A partir do mês de maio, os problemas financeiros ficaram mais acentuados. Houve saída de alunos por motivos diversos: uns por transferência das famílias para outras cidades e bairros, um por uma conduta inadequada de uma professora e da coordenadora (insatisfação com o atendimento era muito

raro nesses vinte e um anos de Instituição), outro porque o pai não queria que seu filho estivesse na mesma turma que uma criança que apresentava uma deficiência específica. A menina em questão tinha um atraso motor e cognitivo. Era uma criança de 8 anos, que ainda usava fraldas, apresentava dificuldade para se expressar oralmente e não conseguia realizar as atividades propostas como seus colegas, ficava em um grupo de crianças de 5 e 6 anos. Ela não tinha um temperamento agressivo constantemente, mas quando gostava de um colega, só queria ficar próxima dele e utilizava qualquer recurso para impedir que se afastasse dela. Em alguns momentos, essa situação, era um problema, mas as professoras tentavam administrar e interferiam para que os carinhos não machucassem os colegas. A menina não tinha um diagnóstico definitivo, fazia acompanhamento com neurologista e fonoaudióloga, tinha passado por uma falta de oxigenação no cérebro na hora do parto, o que, provavelmente, representa o motivo de suas dificuldades. Desde que chegou à *Brincar de Viver* pudemos ver muitos progressos: no início, permanecia na sala por muito pouco tempo e tinha dificuldade em respeitar a individualidade dos colegas, mas, nessa época, já tinha demonstrado progressos nas relações dentro do grupo.

O pai, que tirou seu filho da escola, era uma pessoa com ótima formação acadêmica, com Mestrado, concorrendo a uma bolsa de Doutorado na Europa, mas não conseguiu ver a importância de seu filho relacionar-se com a diversidade e tirou da criança a oportunidade de conviver com uma realidade cada dia mais presente na nossa sociedade.

Nesses momentos, não posso deixar de pensar nas contribuições que os estudos de Vygotsky (1989) trouxeram para a educação, principalmente quando nos aponta que a convivência com a diferença, carrega contribuições mútuas: tanto para a criança com alguma deficiência, quanto para o menino que saiu da escola, e essas oportunizam experiências verdadeiras nas relações dos seres humanos, mas a família continua buscando que seus filhos só convivam com crianças ditas “normais”. (onde fica a inclusão e o respeito às diferenças, ao ser humano?)

Meus questionamentos e angustias são relatadas e discutidas por vários educadores, para exemplificar, posso trazer uma frase de Leite (1995, p.91): “Lidar com as diferenças; mais do que isso – respeitá-las e compreendê-las

como marcas da nossa condição humana. Entendo que a escola deveria ser um espaço especialmente propício a isso.”

Como a receita da Instituição estava insuficiente para manter os custos, não havia nenhum investimento no aspecto físico da escola, os problemas de manutenção do prédio iam se agravando, o que provavelmente dificultava a entrada de novas crianças e isso ia virando uma bola de neve.

Eu, enquanto gestora, sempre fui muito equilibrada e ponderada, conseguindo passar por vários planos de governo e crises, mas, aquele momento, sem conseguir enxergar uma luz no fim do túnel.

Como se não bastasse, mais uma decepção! A mãe de uma criança de 1 ano e 3 meses, que seu filho estava na creche desde os 3 meses, veio me comunicar que iria tirar o filho porque como ele estava saindo do berçário, ela queria levá-lo para uma Instituição que oferecesse um ambiente físico mais interessante que o nosso; iria matriculá-lo em um “espaço com mais brinquedos importados”, com um “parquinho estruturado”, apesar de sempre ter sido muito acolhida conosco, de saber que seu filho era feliz e muito estimulado e ela, mãe, constantemente bem atendida por todos os profissionais da escola.

Esse dia foi horrível! Novamente a contradição que vinha me acompanhando constantemente! Nessa época, estava no 2º. período da Pós-Graduação, continuava estudando sobre a importância das relações estabelecidas com as crianças. Já havia lido e discutido muito nas aulas sobre Piaget, Vygotsky, Wallon, Freinet, vendo a criança como um ser social, produtor de cultura, buscando priorizar as trocas entre as pessoas e enquanto educadora, tenho a grande preocupação com a felicidade e o bem estar das crianças da *Brincar de Viver*. Procuo fazer com que todos os profissionais sejam carinhosos, atentos, respeitem as características individuais dos pequenos, escutem o que as famílias têm a dizer e, sempre que possível, atendemos as solicitações feitas.

Essa mãe sempre foi recebida com carinho e respeito e, na maioria das vezes, suas colocações foram discutidas e atendidas, até porque sempre demonstrou bom senso no que trazia para a Instituição. Segundo Guimarães (2004, p.1): “...é fundamental considerarmos a escuta como eixo do trabalho cotidiano.” Meu sentimento é que eu estava muito errada nos meus objetivos e convicções, só poderia ser isso! Investir no aspecto físico parecia ser muito

mais importante que investir nas pessoas. Não via sentido em perder essa criança para outra instituição, principalmente por saber que seu espaço é infinitamente menor, mais abafado que o da *Brincar de Viver*, com um número grande de crianças por turma e as famílias são proibidas de entrar na escola. Eu, ao contrário, acredito que o livre acesso dos pais é um diferencial positivo e de grande valia para as interações que acontecem nos espaços de Educação Infantil.

Apesar de muito abalada, tinha que fazer alguma coisa perante essa situação. Perderia essa criança, mas precisava mostrar que acredito no trabalho que ofereço! Decidi enviar uma carta para a família e buscar um meio de também investir em mais brinquedos para a Instituição, “melhorar o parquinho”.

Segue a carta que fiz:

Eliane, boa noite!

Pensei que conseguiríamos conversar antes do final do mês de julho, mas como você não marcou, achei melhor lhe escrever porque para mim é muito importante pontuarmos algumas situações.

Em primeiro lugar, saiba que foi com muito pesar que todos receberam a notícia da saída do Rodrigo, sem exceção desde mim, as professoras dele, José, Roberta, nossa cozinheira, a equipe técnico pedagógica e demais professoras.

Acredito que o motivo foi por todos reconhecerem no Rodrigo, uma criança inteligente, esperta, carinhosa e principalmente por parecer estar feliz no convívio com as crianças e adultos da *Brincar de Viver*. Ele vem demonstrando um excelente desenvolvimento, tanto social quanto intelectual.

Sei que você está preocupada com o desenvolvimento da linguagem oral, mas pelo meu conhecimento, da pediatra, da psicóloga e das professoras, acreditamos que logo, logo, ele irá falar tudo, as crianças têm seu ritmo e cada um vai desabrochando conforme seus próprios interesses, visto que, na coordenação motora ampla, Rodrigo supera as expectativas para sua faixa etária.

O fato de você ser fonoaudióloga, pode trazer uma ansiedade maior, o que também é muito natural e compreensível.

Roberta conversou comigo sobre os motivos que você colocou da saída do Rodrigo.

Como todas as suas sugestões sempre foram muito bem vindas, já estou providenciando um espaço de recreação para o Maternalzinho com a colocação de alguns brinquedos. Já vinha fazendo alguns orçamentos desde o início do ano, mas nosso orçamento está um tanto justo, por isso estava adiando esse projeto, mas já está passando um pouco do tempo e depois de suas colocações, isso virou motivo de urgência.

Como gestora, sempre investi no pessoal, acreditando que esse é o diferencial de nossa Instituição. Todas as nossas professoras têm Ensino Superior completo, exceto a Soraia que ainda está cursando.

Nossa pediatra está conosco há 21 anos e a nutricionista há 8 anos. Todas sempre solícitas e prontas para ouvir, orientar e colaborar, acredito que nesse período, você teve a oportunidade de comprovar o que estou dizendo. Isso demanda um alto custo, que a princípio, não é visível, mas só acredito que uma educação e prestação de serviços de qualidade só se concretizam através das pessoas.

Esse ano, também fizemos um maior investimento na capacitação das professoras, principalmente na Educação Infantil, o que também acho fundamental para o trabalho, atenção e cuidados com as crianças.

Como diferencial da *Brincar de Viver*, posso lhe garantir três coisas básicas:

1 – afetividade com crianças e famílias (para mim, esse item é fundamental e precioso para construção de seres humanos seguros, capazes, íntegros e felizes).

2 – livre acesso das famílias aos espaços da Instituição e sinceridade (item polêmico para meus colegas gestores, difícil de administrar com toda força de trabalho, mas que consegue expor a realidade do dia a dia. Se prestamos um serviço de confiança, podemos estar abertos, até para críticas e reclamações. Lembra do dia em que você chegou e viu a Soraia sozinha? Se você não pudesse entrar, jamais teria tomado conhecimento disso, mas acredito que apesar de ter ficado muito zangada, você pode concordar que a qualidade de atendimento, carinho, estimulação e cuidados ao Rodrigo não estavam diferentes. Essa exposição do livre acesso é complicada, mas continuarei a acreditar no retorno dela).

3 – ouvir as famílias e atender, na medida do possível (acredito que você é nossa testemunha mais viva dessa situação, até porque todos os seus questionamentos tinham razão: água da pia do berçário, toalha de papel no banheiro utilizado pelos responsáveis..., não lembrei de nenhum outro).

Meu espaço físico amplo e arejado é inquestionável, apesar dos poucos recursos estéticos.

Eliane, escrevo muito não é? Só fiz isso, porque você sempre olhou a *Brincar de Viver* com questionamentos e soluções e acredito na gestão compartilhada com colocações de profissionais e familiares e porque, também, não estamos confortáveis em “perder” o Rodrigo para essa escola... O que será que eles têm de muito melhor que a *Brincar de Viver*?

Não conheço o trabalho que desenvolvem e mesmo que conhecesse, jamais faria algum comentário, não acho ético, conheci algumas ex direções, mas essa direção é nova e o mais importante, foi a Instituição pesquisada e escolhida por vocês.

Senti muito por você não estar na última reunião, na qual apresentamos o trabalho que vem sendo desenvolvido na área pedagógica, mas, também, por lhe ouvir, estamos preparando uma circular para esclarecer esse trabalho.

Gostaríamos muito de poder compartilhar do crescimento e desenvolvimento do Rodrigo, mas, estaremos sempre de braços abertos para vocês.

Rodrigo, você e Antonio nos cativaram e isso não tem retorno, costumamos manter um ótimo relacionamento com os que não estão mais na *Brincar de Viver* e espero que isso se repita com vocês.

Obrigada por sua sinceridade, seu olhar atento e crítico, tenha certeza que tudo que fizemos pelo Rodrigo nos foi retribuído pela criança que ele é e por toda sua colaboração.

Com carinho,
Tereza Cristina

Três dias após ter enviado a carta, a mãe me disse:

-“Li sua carta e gostei muito do que você escreveu. Vou repensar minha decisão, mas ele continua de aviso. (o aviso prévio é um item que consta do Contrato de Prestação de Serviços celebrado entre a família e a escola, no ato da matrícula. A cláusula solicita que caso a criança não frequente a Instituição até o final do contrato, que isso seja avisado com trinta dias de antecedência).

O mês estava acabando e não sabíamos o que a família havia decidido. Toda a equipe estava triste com a saída do Rodrigo, deixei que todos lessem a carta enviada aos pais. Tínhamos a certeza de todas as coisas boas que sempre fizemos no nosso trabalho, esperávamos uma resposta. No final do mês, a mãe comunicou às professoras que o filho continuaria conosco. A notícia foi recebida com alegria por todos, sem exceção, desde a cozinheira até a pediatra. Aproveitei esse momento para incentivar a equipe a continuar olhando todas as crianças e famílias com atenção, carinho e responsabilidade.

Eu, particularmente, me sentia vitoriosa! Tinha conseguido provar a importância da qualidade das interações e também, mostrei a mim que o caminho escolhido não estava errado, tinha sido enxergado e essa conquista me deu um novo ânimo.

Capítulo 3

NOTÍCIAS DA GESTÃO OU SER GESTORA

“VIVER NÃO É ESPERAR A TEMPESTADE PASSAR... É APRENDER COMO DANÇAR NA CHUVA”

Agora, precisava, urgentemente, buscar soluções para melhorar! Comecei com uma reunião com todos os funcionários para explicar a real situação da escola. Perguntei o que eles achavam que poderia estar acontecendo, ninguém conseguia dizer concretamente onde estava o problema e comentaram apenas sobre o espaço físico. Disse que precisava do empenho constante de cada um deles, falei de economia e comprometimento. Até aquela data, nunca houve atrasos de salários, mas passava a temer que isso pudesse vir a acontecer. Pedi sugestões para captar novos alunos, sem esquecer que deveríamos reter todos que já estavam na Instituição, e como poderíamos melhorar, com baixo custo, o aspecto físico. Foi uma reunião tensa e emocionante, mas, naquele momento, senti a cumplicidade dos mais antigos e percebi que o grupo se empenharia de forma geral. As sugestões foram todas para melhorar o espaço físico e combinamos que as colocaríamos em prática. Houve uma indicação para a escola fazer um empréstimo bancário, mas essa idéia foi descartada porque em todos esses anos, nunca havia utilizado esse recurso e tinha medo de não poder cumprir os prazos e piorar a situação.

Resolvi conversar com os prestadores de serviço e combinamos um desconto para poder continuar com eles. Os profissionais contratados - pediatra, nutricionista e psicóloga disseram que eu poderia atrasar seus pagamentos e quando a situação melhorasse, voltariam a receber em dia. Essa estratégia foi utilizada por alguns meses e aliviou a carga de despesas.

Fiz uma carta ao proprietário do prédio, explicando a situação e fazendo uma proposta de redução no valor do aluguel, a qual foi aceita imediatamente.

Na época, estávamos com um estagiário de Comunicação Social, ele fez uma pesquisa de mercado para saber os valores que estavam sendo cobrados por outras Instituições e o que ofereciam. Chegamos à conclusão que nossas mensalidades não estavam competitivas e fizemos uma nova tabela de preços,

reduzindo o valor das mensalidades para as crianças que efetuassem matrícula durante aquele período.

Essas foram as medidas implementadas na área financeira e, dessa forma, continuei honrando com todos os compromissos assumidos.

Resolvi que precisávamos estreitar o relacionamento com as famílias, e essa seria a estratégia para reter as crianças que tínhamos. Era importante, e sempre é, comunicar de forma adequada o trabalho que estávamos oferecendo, fazer marketing dos acontecimentos, do dia-a-dia da *Brincar de Viver*, e isso era pouco explorado por mim e por toda a equipe. “as práticas precisam abrir-se para o diálogo da criança com o mundo.” (Guimarães, 2004, p.4)

Na contra mão das minhas indagações, entre a realidade e a visão romântica de só olhar a necessidade das crianças trazidas nas aulas da Pós-Graduação, havia uma troca de experiências significativa no decorrer dos encontros. Os temas abordados traziam a oportunidade dos colegas apresentarem iniciativas relevantes nas suas práticas na Educação Infantil.

Segundo Kramer (2007, p.26): ...”o acontecer pedagógico é prática coletiva na qual aspectos cognitivos, afetivos, sócio-econômicos, políticos e culturais interatuam em função de resultados concretos; o acontecer pedagógico é prática que se faz pela linguagem e que faz (produz) linguagem.”

Muitas idéias interessantes eram colocadas e aproveitava para registrá-las e implementá-las na rotina da *Brincar de Viver*. Essa iniciativa enriquecia os projetos desenvolvidos e me motivava a procurar caminhos que melhorassem, cada vez mais, o relacionamento com as crianças, profissionais e familiares.

Uma colega que trabalha na concepção desenvolvida por Celestin Freinet, apresentou várias atividades interessantes, tentamos organizar um álbum com os trabalhos dos projetos, mas as professoras não demonstraram muito empenho na realização dessa tarefa. Foram então feitos alguns álbuns individuais, muito valorizados pelas famílias, apesar de nosso objetivo principalmente ter sido incentivar a organização dos assuntos para as crianças, apresentando o que elas são capazes de produzir. Como ressalta Costa (1979):

“Freinet acreditava que se os conteúdos e conceitos das diferentes áreas do conhecimento fossem discutidos de forma

viva e integrada, a escola se tornaria mais interessante àquelas crianças. É possível concluir que a *Pedagogia Freinet* foi criada para atender às necessidades da criança. Suas idéias trouxeram contribuições muito valiosas a muitas reflexões na área da educação.” (p.14):

No entanto, a idéia de enviar para as famílias cartas com os comentários dos profissionais e das crianças sobre alguma atividade realizada foi um sucesso! Os pequenos ficaram muito empolgados em ter suas frases transcritas nas cartas, pediam que os pais lessem o que tinham dito, como também os comentários de seus colegas. Os profissionais também se sentiram valorizados de ter suas opiniões divulgadas e as famílias vibravam com o que os filhos diziam. Essa experiência trouxe um estreitamento das relações com todos os envolvidos na proposta pedagógica e contribuiu para que a Instituição conseguisse divulgar o trabalho que estava sendo feito.

Outra experiência que foi relatada por colegas da Pós foi a confecção de bonecos do tamanho de uma criança de uns três anos como personagens do livro de matemática que utilizavam. Esse boneco passava o final de semana na casa da criança e as famílias relatavam a visita em um caderno e vestiam os bonecos com roupas dos filhos para serem doadas. Aproveitamos a idéia no projeto de Monteiro Lobato, que estava sendo trabalhado da seguinte forma: as professoras construíram com as crianças dois bonecos: Emília e Pedrinho. Os bonecos também foram para a casa das crianças, voltavam com roupas para serem doadas no Natal e as famílias registraram a experiência, inclusive colocando fotos.

Para Kramer (1998, p.9): ... “projeto implica tomar posições, decidir e escolher, levando-se em conta limites e possibilidades do real. Essas ações partem de uma realidade configurada, mas também antecedem uma ação concreta no real, estabelecendo condições para essa ação.”

Recebemos relatos interessantes, como por exemplo, um menino de 6 anos que nunca queria doar suas roupas e brinquedos, mas quando o Pedrinho chegou a sua casa, ele foi logo pegar blusas e bermudas que poderiam servir em uma criança que precisasse e ele tinha outras, não iriam fazer falta.

Outro relato de atividade apresentado foi a participação efetiva das famílias nos projetos pedagógicos, trazida por colegas de uma escola da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Como já tinha um relacionamento próximo com as famílias, conversei com as professoras e resolvemos concretizar a idéia. Estávamos no meio de um projeto que foi chamado “Como meu país é rico”, fizemos uma circular-convite para as famílias, explicando o que estávamos pesquisando e estudando com as crianças e pedimos que fossem enviados materiais pertinentes ao assunto e que, aqueles que pudessem ir à escola participar de alguma atividade, seriam muito bem vindos! A iniciativa foi um sucesso! Destaco alguns acontecimentos marcantes: a mãe de uma criança de quatro anos que o pai nasceu no Sul, fez um livro de histórias contando sobre o chimarrão e enviou para escola. A criança contou a história para os amigos, sabia de todos os detalhes, demonstrava alegria com o material enviado, e o livro passou por todas as turmas, inclusive do Ensino Fundamental. Segundo Sarmiento (2007): “... as crianças herdaram a cultura dos adultos e são socializadas nesta cultura a partir das interações com seus pais e com outros familiares. Mas elas próprias produzem cultura. O modo de interpretação do mundo pelas crianças é marcado pela alteridade em relação aos adultos.” A mãe de uma criança de três anos enviou um e-mail com fotos e história do carnaval do Recife e foi à *Brincar de Viver* fazer uma oficina de frevo com as crianças e depois dançou lindamente para elas, inclusive, vestida a caráter.

A namorada de um funcionário foi fazer uma oficina de samba - é passista de uma escola de samba do Rio de Janeiro. Foi um momento de muita descontração e alegria, onde as crianças ficaram entusiasmadas e motivadas para aprender os passos.

Na comemoração da Festa Junina, fizemos a culminância do projeto, trazendo para o evento uma exposição com todos os materiais produzidos pelas crianças, danças típicas do Nordeste e a oficina de frevo realizada pela mesma mãe que já havia ido à escola. Como destaca Kuhlmann (1999, p.65): “Mas, tomar a criança como ponto de partida exigiria compreender que para ela, conhecer o mundo envolve o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática.”

Aqui, gostaria de abrir um parêntese para discutir a comemoração ou não de datas festivas do calendário cultural, tais como: carnaval, dia das mães, dos pais, dos avós, festa junina, natal etc... tão criticada pela maioria dos professores da Pós- Graduação.

Durante o Curso, discutimos o tempo todo que a criança está inserida na cultura e é produtora de cultura.

“Não é mais alguém que virá a ser um dia, que não dá conta de sobreviver sozinho ou alguém com falhas e carências que precisam ser compensadas, mas um ser social, um cidadão de pouca idade, com direitos e oportunidades, alguém que *imagina, fantasia, cria, se produz na cultura, além de ser nela produzido, que possui um olhar crítico e maroto que vira pelo avesso a ordem das coisas* (Kramer, 1998, p.3-4)

Sendo assim, essas datas aparecem na vida delas com frequência, principalmente através da tradição das famílias e dos meios de comunicação. É impossível não enxergar esse fato, e acredito que isso faz parte da cultura em que estamos inseridos e da realidade de nossas crianças, então por que não buscarmos trabalhar o que já é real em nossas instituições? Por que não aproveitarmos esses episódios para ampliar os questionamentos sobre valores? Por que, simplesmente, ignorarmos os fatos que aparecem na fala das crianças e famílias? De acordo com Kuhlmann (1999, p.63): “não há como pensar a educação infantil abstratamente, descolada da sociedade, da história, da cultura: é à realidade que faz sentido projetarmos nossos sonhos.” Há diferentes meios para utilizar esses acontecimentos, objetivando enriquecer a vida de todos que estão envolvidos no processo educacional e os espaços de Educação Infantil devem, sempre, aproveitar o que a realidade das crianças apresenta. É inegável que muitas escolas utilizam as datas comemorativas de forma pejorativa e preconceituosa, fantasiando as crianças com alegorias: alunos saem da escola com cocar de índios e tangas, se esquecem que existem índios que usam terno, conectam-se a INTERNET fazem parte da sociedade civil como qualquer outra pessoa. Crianças vestidas de coelhos, quando da época da Páscoa, eventos suntuosos para comemoração do dia das mães e pais, onde, muitas vezes, a criança não tem com quem compartilhar

esse momento e acaba sendo discriminada etc. Não é desse jeito que acredito na riqueza que as datas comemorativas podem trazer para Educação Infantil.

Para concretizar meu pensamento, posso exemplificar com propostas que vem sendo desenvolvidas na *Brincar de Viver* para estarmos atentos com o que é real na vida nas nossas crianças.

Exemplo1: na Páscoa trabalhamos o conceito de passagem, que é o que a palavra significa, em qualquer que seja a crença religiosa, dizendo que todos podem fazer uma passagem; é óbvio que no dia-a-dia esse conceito tem que ser valorizado e lembrado, mas surgem frases como:

- Eu batia no meu amigo e não vou bater mais!
- Eu não gosto de peixe, mas vou experimentar da próxima vez!
- Eu vou arrumar meus brinquedos para minha mãe não brigar comigo.

Para obtermos essas respostas, os professores têm que trabalhar passagem, enquanto mudança, e enfatizamos o lado positivo, o que também leva os adultos da Instituição a pensarem no que podem melhorar nas suas vidas, qual a passagem que querem fazer? Nessa época, fazemos um lanche coletivo, no pátio, onde as crianças levam uma guloseima que será partilhada com os amigos. Fazem as toalhas de papel, como atividade de artes, cada turma tem suas toalhas e as mesmas são colocadas no chão do pátio, sobre elas as guloseimas, mas as crianças têm a liberdade de levantar e ir nas toalhas dos outros grupos. Durante o lanche, constantemente os profissionais estão atentos para reforçar comportamentos que considero importantes para as crianças: papel no lixo, pegar uma coisa de cada vez, comer com a boca fechada, não falar enquanto estão comendo, você trouxe isso, mas é para dividir com os amigos etc...

Exemplo 2: No carnaval, a professora de música e as professoras das turmas apresentam várias marchinhas, cantando com as crianças, com o objetivo de resgatar a história de como eram os carnavais, também conversam sobre as escolas de samba, o desfile que acontece na Marquês de Sapucaí, evento mais famoso da cidade do Rio de Janeiro. Já fizemos uma visita à Cidade do Samba, onde as crianças puderam ver os barracões das escolas de samba, as pessoas trabalhando nas alegorias e fantasias. Esse tema oportuniza diferentes atividades artísticas e, normalmente, amplia e enriquece o vocabulário - nessa época é comum escutarmos das crianças que querem

ser: assistas, mestres-salas, porta-bandeiras. Sempre promovemos um bloco e baile nos dias que antecedem o carnaval. As famílias são convidadas a participar, contratamos uma bandinha, construímos com as crianças o estandarte da *Brincar de Viver* e cartazes onde separamos as “alas”: ala dos bebês, do Maternal, Jardim etc...Saímos da escola e damos a volta no quarteirão, cantando com alegria e deixando as crianças jogarem confete à vontade! Voltamos para escola e o baile continua. Como essa atividade sempre acontece no início do ano letivo, dá oportunidade das famílias começarem a se conhecer e as crianças aproveitam esse momento para apresentar os amigos novos. Na minha opinião é um dos eventos que mais integra toda comunidade educacional, participam a maioria dos profissionais da escola, como também alunos e famílias que já não estão mais na *Brincar de Viver*.

Como atendemos crianças do Ensino Fundamental, as letras das marchinhas e sambas enredo são utilizadas em atividades de Língua Portuguesa, como leitura, interpretação e criação de textos. Dependendo do enredo da escola e do interesse dos alunos, também são feitas pesquisas para ampliar o conhecimento de assuntos novos.

Exemplo 3: Em todas as comemorações relativas ao dia das mães, pais e avós, recebemos esses familiares para participar de alguma atividade com as crianças. Já tivemos avós numa oficina de culinária, pai tocando violão, mãe contando histórias, oficina de dobradura, pais e filhos construindo com sucata, jogando, fazendo pinturas, assistindo a peças teatrais e muitas outras experiências. Acredito que esses encontros também ampliam as relações das famílias dentro da Instituição e trazem novos conhecimentos, novas formas de ver o mundo e as histórias que cada um pode compartilhar. Com essa estratégia, talvez possamos responder parcialmente a uma questão colocada pela professora Léa Tiriba: “Como lidar com o buraco gerado pela carência de afeto? Talvez possamos pensar que, frente a uma situação de perda da experiência direta com outros seres humanos e com a natureza, o consumo funciona como compensação, como panacéia para as insatisfações e frustrações decorrentes de um estilo de vida que valoriza o ter.” (Tiriba, 2001. p.5)

Esses são alguns dos instrumentos que utilizamos na busca pelo diálogo com o que a mídia bombardeia todas as pessoas e valorizar aspectos que

consideramos essenciais nas relações. Por que será que a simples valorização dessas datas é tão veemente criticada? Não seria mais rico, pensarmos em estratégias que nos afastassem do comercial, durante essas datas, e pudéssemos aproveitá-las para dar ênfase a valores esquecidos ou adormecidos?

Penso que não ignorar esses eventos, que fazem parte da cultura popular do nosso país, é papel das instituições de ensino. Um assunto a ser discutido e repensado cuidadosamente!

Fechando esse parêntese e voltando às estratégias para melhorar a *Brincar de Viver!*

A participação das famílias nos projetos passou a ser integrada nos planejamentos, inclusive, na semana da criança (todos os anos organizamos uma semana inteira com atividades diversas de lazer e cultura para homenagear as crianças), tivemos a participação de duas famílias, trazendo novidades e compartilhando conosco seus conhecimentos.

Também nas reuniões de pais, estávamos conseguindo integrar o que esperavam para seus filhos com a proposta pedagógica. Após essas reuniões, reorganizávamos nossa rotina, incluindo as idéias que as famílias traziam.

Passamos a enviar circulares com notícias dos projetos, depoimentos das crianças e profissionais, o que trouxe um excelente *feedback* de todos que estão envolvidos no processo educacional. Com essas ações, acreditávamos que era o caminho para apresentar o trabalho que vínhamos oferecendo e, na avaliação que as famílias respondem no final do ano, vimos que as estratégias utilizadas tinham sido eficientes.

Durante esse movimento intenso de mudança na *Brincar de Viver*, eu, enquanto aluna do curso de Pós-Graduação, estava escrevendo meu projeto de monografia, que, no início, era centrado na interferência que as relações familiares tinham no trabalho das instituições de Educação Infantil. Mas, com o caminhar do curso, percebi que as relações das crianças com os adultos e a visão de infância dos profissionais, eram temas que me mobilizavam com mais força, naquele momento. Sempre busquei relações verdadeiras com as crianças e o respeito as suas individualidades, mas não via isso acontecendo, pensava que em pleno século XXI, o olhar para a infância parece não ter

evoluído, as pessoas ainda pensam como a canção de Erasmo Carlos, "Sou uma criança, não entendo nada". Conforme destaca Benjamin (1984),

Há uma tendência de tentar formar crianças padrões, que tenham um "bom desempenho" e quem não se encaixa nos moldes dessa sociedade passa a ser discriminado. O adulto esquece que devemos considerar e acompanhar todas as conquistas, possibilidades e heterogeneidade das crianças para que elas construam sua maneira própria de pensar e ampliem suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem. Devemos perceber que há vida dentro de uma criança, que ela não é uma máquina que precisa ser programada. "Em primeiro lugar, a certeza de que a criança é o pai do homem, a consciência de que a roda do destino começa a girar muito cedo, e num estalo fixa as chaves-mestras de nossa existência - hábitos, valores, desejos, afetos, inclinações eróticas, tendências espirituais etc." (p.11)

Também cheguei à conclusão que para os investimentos que estávamos fazendo na melhoria do trabalho oferecido, conseguiria conciliar meus estudos com minha prática profissional. Sendo assim, fiz um projeto que pudesse refletir, com alguns profissionais, sobre o olhar para infância e as práticas adotadas no espaço de Educação Infantil.

Não foi fácil organizar meus objetivos e escrever o projeto, ficava insegura se conseguiria colocar todas as minhas idéias no papel. Recebi muito estímulo da professora de Iniciação à Pesquisa, Rita Frangella, sempre solícita para minhas dúvidas e me ajudando a procurar o melhor foco de estudo. Assim, consegui realizar um projeto do qual fiquei contente e com muita vontade de colocá-lo em ação.

Naquele momento, tinha o desafio de estudante e gestora no mesmo patamar e muito trabalho me aguardava.

3.1. O desafio consegue estimular as pessoas, até nos momentos mais difíceis

Como nasceu essa idéia

Queria observar o que as crianças estavam fazendo nos diferentes espaços da *Brincar de Viver* e, concomitante com as minhas observações, formar um grupo de estudo com alguns professores, focando nosso trabalho no conhecimento da infância e buscando que eles também passassem a observar as crianças com as quais convivem. Segundo Kramer (1995):

"A idéia da infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano - industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel da criança na comunidade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto ("de adulto") assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade." (p. 19)

Meu objetivo era realizar uma pesquisa-ação² (Barbier, 2002) a partir de: observação, estudo, diálogo, troca de experiências sobre o olhar de cada um do grupo a respeito das crianças em interação. Posso dizer que essa idéia foi, informalmente, pensada desde o início do Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil que comecei em agosto de 2008. Sempre que achava pertinente, levava para alguns professores textos que havia lido e discutido durante as aulas.

Em vários momentos em que presenciava comportamentos infantis dentro dos grupos, comentava sobre a ação das crianças, o diálogo que mantinham com outras crianças e até como os adultos afetam e são afetados pelas relações que acontecem no espaço educacional.

² BARBIER, René. *A pesquisa-ação*, Brasília: Plano, 2002

A partir do momento em que consegui focar minhas questões de pesquisa, conversei com alguns professores sobre a disponibilidade de estudar e conhecer melhor a infância.

Obtive respostas positivas e interessadas frente ao novo desafio, sabendo que seria através da implementação efetiva do grupo de estudo que poderia perceber se o caminho escolhido era promissor.

As estratégias pensadas para o grupo de estudo foram: aproveitar textos que já havia estudado, escrever novos textos a partir da realidade desse grupo, assistir a alguns filmes e apresentar a visão de outros colegas da Pós-Graduação para enriquecer e aprofundar conceitos que considero importantes.

Para essa trajetória, um dos temas seria um trabalho realizado para a disciplina de História e Políticas da Educação Infantil que apresenta a transformação do olhar sobre a infância e o outro, uma professora que trabalha com as concepções de Freinet que partilharia suas experiências como educadora, explicando e mostrando os materiais que constrói com as crianças.

A princípio, minhas observações seriam sistemáticas, independente do estudo com os profissionais da Instituição.

A partir dessas estratégias, pensava em poder contribuir para melhorar as relações adulto X criança e na valorização de tudo que elas fazem quando estão em interação no espaço educativo. Enfim, queria oportunizar relações que trouxessem alegria, felicidade e principalmente respeito à história de vida de cada um. Como consequência desse trabalho, provavelmente, estaria fidelizando as crianças que já tinha, o que também era fundamental para a continuidade da Instituição.

Segundo Nunes (2006, p. 7): “O professor não pode ser executor de práticas pensadas por outros e de métodos que são impostos. É importante constituir espaços de formação e reflexão, a fim de que crianças e adultos não se assujeitem ao novo, mas às possibilidades deste, tornando-se autores no seu trabalho.”

Capítulo 4

CAMINHOS DE UM GRUPO DE ESTUDOS

Começar era preciso!

O caminho mudou, o grupo de estudos não seria mais constituído como havia pensado... (os caminhos sempre mudam, o planejamento, muitas vezes, têm que ser reestruturado)...

Tenho por prática entrar nas diferentes turmas para ver o movimento das crianças e, até por uma necessidade da rotina, minha ida ao berçário é freqüente. Nesse grupo, havia uma professora que tinha um olhar muito atento aos bebês. Sempre que eu estava lá, conversávamos sobre o comportamento das crianças, suas ações, o desafio do educador nas relações com esses pequenos tão surpreendentes. Em uma dessas nossas conversas, devido ao seu interesse constante pelos assuntos, perguntei se gostaria de participar do grupo de estudos que pretendia implementar e ela achou a idéia ótima!

No entanto, no mês de julho, ela tirou 15 dias de férias e quando retornou, pediu demissão. Disse que tinha outros projetos para sua vida, (ela sempre estudou para concursos e estava planejando investir mais tempo nesse objetivo). Sendo assim, ela não faria mais parte do grupo de estudos.

Em meados do mês agosto, outra professora que eu conversava muito sobre os textos do Curso de Pós-Graduação e apesar de trabalhar com alunos do terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental, havia dito que queria participar do grupo de estudos, pediu demissão. Foi chamada para trabalhar em outra Instituição de ensino com uma proposta salarial um pouco melhor. Devido à impossibilidade financeira de cobrir a proposta, a professora foi embora.

E agora? Como fazer o grupo de estudos só com uma profissional? Tinha ficado a primeira professora que eu havia feito o convite, em cuja turma fiz o trabalho de uma das disciplinas do Curso de Pós-Graduação - Teorias do Conhecimento e a Criança de 0 a 6 anos.

No entanto, essa professora era muito próxima da professora do terceiro e quarto anos que pediu demissão e também uma pessoa com muita

dificuldade de conviver com perdas e estava muito abalada com a saída da colega.

Fiquei muito preocupada com a viabilidade do grupo de estudos, já estava completamente atrasada no cronograma do projeto da monografia e imaginando que a única professora que queria participar e continuava na escola iria recusar a proposta do grupo. Precisava resolver isso com urgência!

Conversei com a recepcionista da escola, que trabalha há mais de 10 anos na *Brincar de Viver* e está cursando Pedagogia, sobre essa questão e se ela gostaria de participar do estudo, até porque ela relaciona-se diariamente com as crianças em diferentes ocasiões. Ela aceitou na hora! Fui conversar com outra professora, que convivo há pelo menos 18 anos e que tem um relacionamento muito bom com todas as crianças da Instituição (não havia conversado antes com essa professora porque ela tem uma vida pessoal muito atribulada e fiquei preocupada de ter mais uma responsabilidade e também por ter certeza do seu olhar atento e individualizado para as crianças). De imediato ela disse:

- Sim, claro que eu quero participar!

Dia 01/09/09

Nesse dia, chamei as pessoas que iriam fazer parte do grupo de estudos para uma conversa rápida de como aconteceriam os encontros. Além dos que já haviam respondido, chamei também a professora do Maternalzinho que estava na escola há menos de um mês para saber do meu interesse.

Expliquei meu objetivo de estudo na monografia, que os encontros aconteceriam dentro de horário de trabalho e do foco do curso de Pós Graduação que estava fazendo e dos estudiosos da infância. (Kramer,1998; Leite,2001; Jobim e Souza,1994; Dantas, 1982) Acreditei que a partir de expressões, como: criança produtora de cultura, relações de alteridade, professor como mediador das brincadeiras e atividades, relação dialógica e a importância da história que nos constitui enquanto pessoas e educadores, o grupo conseguiria discutir e avaliar a prática, repensar a Educação Infantil e buscar alternativas para que no espaço da *Brincar de Viver*, as crianças pudessem verdadeiramente viver uma infância com desafios, compartilhando

experiências no dia a dia e enriquecendo suas descobertas nas interações com colegas e adultos.

Marina logo comentou sobre um texto de Vygotsky que havia estudado na faculdade e do que sabia sobre o assunto.

Todas ficaram muito animadas e aparentando ótima disponibilidade. Combinamos que eu sempre avisaria dos encontros com dois dias de antecedência e que provavelmente nos reuniríamos uma vez por semana.

Após um tempo do nosso bate papo, Lucimeire (a recepcionista) sugeriu que convidasse uma professora do berçário, para valorizá-la e que em conversa com Marina, ela tinha sugerido que fizéssemos os encontros aos sábados de quinze em quinze dias para podermos estar voltadas somente para esse objetivo e não sermos interrompidas pela rotina escolar.

Argumentei que elas já tinham uma jornada grande de segunda a sexta e que não me sentia confortável em tirá-las de casa aos sábados. Lucimeire colocou que elas não se importariam de forma alguma. Fiquei de pensar.

Chamei Marta, a educadora do berçário, e expliquei sobre o que havia conversado com o grupo e a convidei para participar. Ela também mostrou interesse.

Minha Avaliação sobre esse Encontro

Fiquei muito animada com a receptividade de todas. Acreditei que seria um trabalho gratificante para mim, para o grupo e que a *Brincar de Viver* também seria muito beneficiada com nosso estudo.

A postura de Marina me deixou muito contente! Pensei que ela não estaria mais motivada por estar muito triste com a saída da colega, mas, ao contrário, ela falou bastante e com interesse.

Agora, mãos a obra! Queria me empenhar para fazer desses encontros momentos de troca, ampliação de conhecimento e principalmente melhorar as relações e olhares com as crianças.

Marquei um encontro com a orientadora desse trabalho para avaliar o que já havia pensado e relatar como havia sido constituído o grupo de estudos e tirar dúvidas.

Relatório do Encontro com a professora Cristina Carvalho

Pegamos o sumário e fomos vendo todos os pontos apresentados.

Cristina gostou do mesmo, disse que estava bem feito, mas muito extenso.

Conversamos sobre o meu momento. Cristina sugeriu que eu escrevesse sobre ele, independente de ir para a monografia ou não.

Meu momento: “Escutar sobre o olhar que devemos ter com as crianças (foco da Pós) e no concreto não ter aluno com esse caminho”...

Sugestão de como ficariam alguns títulos.

Conversa sobre o grupo de estudos – bom caminho, também me trouxe uma expectativa bastante positiva.

Conclusão: deveria investir nesse caminho.

O sumário estava muito extenso, Cristina questionou a viabilidade de tempo para observação das crianças... Fazer isso para a monografia?

Meu papel de observadora, meu distanciamento. Conte um episódio que Cristina disse que poderia entrar para observação da pesquisa, independente de eu estar no grupo com outro objetivo.

Chegamos à conclusão que o capítulo 2 não era necessário, já se “fala” muito sobre a história da infância, posso só dialogar em cima das observações.

Interessante manter: “criança é” como havia pensado no projeto, poderia entrevistar diferentes pessoas, não precisariam estar na comunidade da *Brincar de Viver*.

Cristina me emprestará o livro para dinâmica no grupo de estudo e também farei a dinâmica da foto e objeto.

Talvez utilize o texto da Sonia Kramer (Infância e sua singularidade)

Pergunta final da Cristina:

“O que você quer estudar?”

Pensei nisso durante vários dias e para ser sincera, continuo pensando. Quero estudar muitas coisas, mas definir um foco tem sido uma tarefa árdua! Esse foi um caminho que, na maioria das vezes, não consegui encontrar, por onde começar e dificultou bastante a escrita do trabalho.

Minha avaliação sobre o encontro:

Conversamos por mais de uma hora. O profissionalismo e olhar da Cristina me encantam, estimulam e desafiam.

Consegui respostas para as dúvidas pontuadas e incentivo para o grupo de estudos, o qual ainda estou insegura dos passos a caminhar.

Cristina é exigente em suas observações, mas carinhosa e realista quando aponta os caminhos.

Continuo querendo fazer um ótimo trabalho, produzir alguma coisa importante para mim, para *Brincar de Viver* e para outros educadores. Vejo nesse trabalho a possibilidade de crescer e me apresentar como educadora competente e apaixonada.

Depois da conversa com Cristina, fiz o planejamento dos dois primeiros encontros com o grupo de estudos.

4.1 Primeiro Encontro do Grupo de Estudos

Planejamento Primeiro Encontro Grupo

- Apresentações
- História
- Escrita da memória individual
- Escrita da história em grupo
- Leitura da história
- Conversa sobre o livro e o trabalho

(Foco – o que nos constitui enquanto educadores têm haver com nossa história)

- Música – Como nossos pais – Elis Regina com acompanhamento da letra
- Escrita de um pequeno texto – Minhas Memórias da Infância
- Avaliação do encontro

Para casa – Trazer foto e objeto de criança

Encontro com o grupo:

Apesar de pensarmos na possibilidade do sábado, uma das professoras estava com problemas pessoais (familiares) e esse dia inviabilizaria sua participação, sendo assim, optei por fazer no horário de trabalho. Planejei minuciosamente a rotina das crianças e da Instituição para que pudéssemos estar juntas com conforto e tempo hábil para a atividade. O planejamento “furou” e pensei na possibilidade de adiar, mas não era meu desejo. Reorganizei tudo e nos juntamos. Devido à dificuldade de nos reunirmos, sentaram parecendo um pouco desconfortáveis.

Começamos pela apresentação de cada uma, também falei de mim. Nas apresentações, falaram da formação acadêmica e profissional. Somente eu coloquei um pouco da minha vida pessoal. Quando as apresentações terminaram, Marta interessou-se em saber como era o foco do Curso de Pós-Graduação em creche e pré-escola, dizendo que achava importante para o trabalho com as crianças.

Levantei, peguei o livro para contar a história: Guilherme Augusto Araújo Fernandes, da Mem Fox.

Todas muito atentas, quando terminei, vi os rostos com sorrisos e uma aparência de terem gostado. Entreguei um papel a cada uma e pedi que escrevessem de uma a três memórias que tivessem da infância. Exemplifiquei com o que eu havia escrito quando participei da mesma dinâmica. Rapidamente terminaram. Pedi que criassem uma história onde aparecessem todas as memórias que tinham escrito. Aproximaram-se, logo escolheram quem escreveria e começaram a conversar. Saí um pouco da sala, na realidade ia e voltava e, nesses momentos, observei que riam, estavam realmente empenhadas na tarefa com ótima concentração. Após uns quinze minutos, perguntei se haviam acabado e imediatamente me entregaram a história, pedi que alguém lesse e Marina prontificou-se.

A história que fizeram:

Lú, apenas uma menina

Era uma vez, uma menina chamada carinhosamente de Lú, que morava com seus avós no interior. Lá havia muitas plantações e uma das brincadeiras preferidas era passear com sua boneca pelo pomar. Apesar de viver na roça, Lú tinha muito medo de cachorros.

No lanche da tarde, sua avó lhe preparava uma deliciosa gelatina de limão como fazia sua mãe.

Lú, quando vai a cidade visitar seus pais, adora se enfeitar, usando um lindo vestido vermelho de veludo, bota do Pluto e boneca preferida Suzy com casaco de pele.

No último passeio, Lú ganhou uma bela bicicleta de seus pais. E na sua estreia perdeu um denticinho.

Durante a leitura, tentei adivinhar quem era quem e elas muito atentas e com fisionomia de contentamento (antes que Marina começasse a ler, Marcelle comentou o seguinte:

- Vamos escrever livros de histórias infantis só com nossos passados.

Após a leitura, perguntei se a criança era Marina, pois ela é muito vaidosa!

Havia me enganado! Era Marcelle. Comentei que com exceção do tombo da bicicleta, só havia aparecido coisas boas, quando Marta me interrompeu e disse que sua memória de família era justamente a falta que sentiu da presença de pai e mãe, e começou a contar um pouco da sua infância. Todas fizeram comentários e prontamente respondiam aos questionamentos que surgiam. Até o meu exemplo do início da dinâmica foi questionado.

Lucimeire comentou que os episódios que pareciam ruins, foram “transformados” por elas em coisas boas quando escreveram a história e que ninguém gosta de lembrar uma coisa ruim que tenha acontecido, inclusive comentou uma “maldade” que havia lembrado da infância que não colocou na escrita da memória.

Conversamos um pouco sobre como é bom lembrarmos de coisas boas (pensei na relação delas com as crianças, mas não disse nada).

Fechei esse momento dizendo que o que nos constitui hoje está diretamente relacionado com as relações que vivemos na infância e no passado, com nossas histórias.

Disse que elas tinham um “para-casa”, riram e anotaram como se fossem alunas, pedindo que eu repetisse a proposta.

Para-casa: Trazer pra o próximo encontro um objeto e uma foto de quando eram crianças, de preferência que fosse significativo para elas.

Avaliamos o encontro. Foi unânime ouvir: gostei e foi muito legal!

Marina falou:

- Que pena, já acabou! Queria mais!

Aparentemente contentes, conversando e sorrindo, voltamos para a rotina da Instituição.

Minha Avaliação do Encontro

Fiquei um pouco nervosa para começar a contar a história, talvez por estar num papel diferente, onde meu principal foco é a monografia e conseqüentemente o olhar das profissionais em relação às crianças.

A participação e interesse do grupo me deixaram bem seguras para continuar. As atividades foram prazerosas e os discursos me pareceram muito verdadeiros.

Acredito que tenha conseguido atingir os meus objetivos nesse encontro: o grupo ficou muito mobilizado em relatar acontecimentos da infância, a emoção permeou as falas, principalmente quando comentaram que as crianças, com as quais trabalham, teriam lembranças de situações vivenciadas na Educação Infantil. “Resgatar a história de vida dos homens significa não só reconstruir-lhes enquanto sujeitos, mas reconstruir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra, a memória, na tensão do particular e da totalidade. Tal resgate se apresenta como ponto crucial para a construção de um conceito humanizado de ciência: dar voz ao que até então fora considerado sem importância”. (Kramer, 1995b, p. 11).

Pude concluir que se preocuparam que lembranças estariam deixando e também a responsabilidade e influência que têm na vida desses seres humanos que orientam e convivem. Partindo de suas histórias, perceberam que estavam ajudando a construir a história de vida das crianças, apesar de não terem se detido muito nessas reflexões, pairava no ambiente um ar de surpresa e descoberta. Para tecer meu comentário sobre esse momento, pensei:

“Tu és eternamente responsável por tudo aquilo que cativas” (Saint Exupéry)

Também ficou claro que a pessoa e educador que todas éramos, estava relacionado com nossas histórias de vida, mas houve um comentário que causou uma discussão calorosa, Marcelle falou:

- Nós temos a capacidade de mudar aquilo que foi ruim na nossa infância, tentando não repetir comportamentos que nos fizeram infelizes, apesar das marcas que possam ter deixado.

Não consegui cumprir tudo que havia planejado para o encontro, mas reorganizaria o próximo, mudando o que já havia pensado para não deixar de passar por pontos que me pareciam importantes.

4.2 Segundo Encontro do Grupo de Estudos

Planejamento Segundo Encontro Grupo

- Dinâmica dos objetos e fotos (dever de casa) (eu participo?)
- Lembranças da escola
- Escrita de um pequeno texto – Minhas Memórias da Infância
- Brainstorming (o que vem à cabeça quando penso nas crianças que convivo e na palavra infância (anotar)
- Estudiosos da infância
- Sonia Kramer
- Texto – Educar e Cuidar: muito além da rima do livro Profissionais da Educação Infantil – gestão e formação (Leitura conjunta e discussão)
- Para casa – proposta – Escrever sobre educar e cuidar na minha prática, como me vejo nesse processo?
- Avaliação do encontro

Segundo Encontro com o Grupo

Na véspera do encontro, lembrei a todas de trazerem o “dever de casa”.

Uma professora que estava no grupo, pediu demissão. O grupo agora era composto por quatro profissionais.

Começamos pela dinâmica das fotos e objetos. Uma professora esqueceu de levar, mas depois que todas falaram do que tinham levado, ela colocou o que teria levado e a foto que escolhera.

Falaram muito, com saudosismo e animação. Diferente da história que fizeram no primeiro encontro, apareceram fatos tristes e o mais interessante foi ouvir comentários do jeito que eram e ainda são, comportamentos que continuavam.

Conversamos sobre o fato de que o que nos constitui hoje tem relação com a nossa história. Foram unânimes em concordar e deram exemplos concretos sobre isso. Marcelle disse o seguinte:

- Como uma família constrói ou destrói um ser - humano.

Discutimos sobre isso e como podemos fazer para mudar o que não foi uma boa experiência.

Coloquei que o educador que somos é constituído pelos nossos “eus” e pela nossa história. Também deram exemplos das suas práticas com suas histórias de vida.

Lancei a seguinte questão, voltando à frase da Marcelle:

- O que estamos construindo na vida das crianças que convivem conosco?

Falamos da importância do nosso olhar e do nosso papel. Ficaram um tanto preocupadas e pensativas, mas também concordaram que é necessário ter atenção no olhar e nas relações com as crianças.

Acredito que nesse momento, meu objetivo em despertar a responsabilidade do papel que desempenham foi alcançado, pude ver as interrogações e até surpresa por pontuarem que não tinham pensado, tão profundamente, na importância dos relacionamentos que têm com as crianças. (acredito que esse sentimento tenha sido despertado na troca de idéias do primeiro encontro, mas, a partir do momento que coloquei a pergunta, já afirmando que tinham influência na formação das crianças, a reação foi mais concreta.) Segundo Didonet (2003, p. 92): “A inteligência não é herdada, mas construída pela pessoa a partir do nascimento num processo que envolve ação e interação com o meio cultural. A mediação de um adulto competente exerce um papel muito importante ajudando a criança a evoluir do nível de desenvolvimento em que se encontra para o seguinte e construir novas aprendizagens”.

Nesse momento, sem me referir à teoria, estava querendo ressaltar a importância do conceito de afetividade estudado por Wallon, 2005. Esse teórico, explicou como um sujeito pode ser afetado pelos objetos e o interesse que o objeto desperta no sujeito, assim como afetamos e somos afetados pelas pessoas com quem convivemos. Planejava estudar com o grupo o citado conceito, após as atividades referentes às memórias, acreditando que já o teriam entendido durante as trocas de experiências que aconteciam no grupo.

Falamos por alto da história da infância, e de quem é a criança que convivemos hoje.

Passei dois “trabalhos de casa”: uma redação com o seguinte tema: Minhas memórias da infância.

Expliquei que a redação poderia ser partilhada no grupo ou só entregue a mim ou não entregar, caso achassem que estariam expondo muito sua intimidade. Também entreguei o texto: “Educar e cuidar: muito além da rima” (Kramer, 2005, p.55) para dar uma introdução ao papel que desempenham com as crianças, objetivando falar da prática.

Terminamos com um gostinho de querer mais, todas com um sorriso de contentamento pelo encontro e com um ar leve.

Minha avaliação do encontro

O tempo não tem sido suficiente para as atividades que planejo, mas o envolvimento do grupo é tão satisfatório que não tenho me preocupado muito

com isso, acredito que os momentos de reflexão estão bem ricos e esse espaço de reflexão também é um caminho para melhorar as relações adultos x crianças. Conforme destaca Jobim e Souza (2008, p. 3): "...o conhecimento não está pré-determinado nem no interior do sujeito, nem no mundo externo, mas é construído na relação entre o sujeito e os objetos do mundo externo. Portanto, o conhecimento é algo que se realiza ao longo da história do indivíduo e da humanidade, transformando o sujeito e a própria humanidade."

A partir desse encontro, parecia que o caminho a seguir estava indo na direção correta. Meu objetivo era que as profissionais pudessem entender e refletir sobre as crianças como um indivíduo que tem a sua história, vive em um determinado espaço social, com seus anseios, necessidades e características específicas. Era para essa criança que queria voltar o olhar dos educadores e acreditava que o aprofundamento nas memórias da infância de cada uma, ajudaria a entender a concepção de infância que queria compartilhar:

"O que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação -, mas entende as crianças como cidadãos, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem".
(Kramer, 1999, p.15)

"um sujeito que pensa, age, pertence a uma classe social, está inserida em um contexto, que constrói e se constrói na cultura, que produz e é produtor de linguagem, ou seja, a criança é um ser social, histórico, político e cultural."
(Carvalho, 1999, p.122)

4.3 Terceiro Encontro Grupo de Estudos

Entre o 2º e o 3º encontro do grupo de estudos, tivemos um intervalo considerável. Começamos a matricular crianças no berçário e a rotina ficou um tanto complicada e, naquele momento, a prioridade era atender muito bem as famílias que estavam chegando e aproveitar a oportunidade de aumentar o número de crianças na Instituição. Eu, enquanto gestora, estava empenhada nas tarefas operacionais, investindo no dia-a-dia e completamente sem tempo para outros assuntos. No entanto, queria continuar o trabalho que havia começado com o grupo, acreditava na importância dele para a melhoria da *Brincar de Viver* e para minha monografia e, então, marcamos o terceiro.

Planejamento Terceiro Encontro Grupo de Estudos

- Leitura das memórias
- Leitura da introdução da monografia (feita por mim)

- Conversa sobre as memórias X o que nos constitui enquanto educadoras
- Brainstorming: criança-infância
- Música da Elis Regina – “Como nossos pais”

Terceiro Encontro com o Grupo

Nesse dia, Marina não estava na escola, mas fizemos o encontro mesmo assim, no próximo, ela leria sua memória. Marcelle foi a primeira a ler, ficou um pouco emocionada. Ao final, comentou que gostaria de ter lembrado de coisas mais antigas, mas achou estranho não ter conseguido.

Minhas memórias de infância

São poucos os momentos que me recordo, um deles se passou no Colégio em que fazia Jardim da Infância. Levei a boneca Suzy com um casaco de pele para a escola, e na saída o casaco havia sumido. Minha mãe brigou muito comigo. Num outro momento, eu estava com um vestido de veludo vermelho e botas do Pluto numa sala cheia de parentes. Meu tio me perguntava como se

chamava a minha bota, pois sabia que eu iria falar errado, "Puto", Todas riam, e com isso, eu ficava nervosa. Lembro muito bem quando fomos morar na Ilha do Governador, tinha ± 8 anos. Quando íamos visitar a minha avó, voltávamos num ônibus muito cheio e meus pais brigavam muito. Me recordo das domingos em que papai fazia feira conosco, era bem legal e divertido.

Lucimeire disse que não queria ler, nem comentar o que havia escrito. No final do encontro, perguntei se ela gostaria de me entregar e ela disse que não.

Marta esqueceu de levar e disse que no dia que Marina lesse a dela, faria também, mas isso não aconteceu. Após esse momento, li a introdução da monografia.

Nossa discussão ficou centrada nas histórias de vida a partir das memórias, chegaram à conclusão que tudo começa na infância, é a base para constituir as pessoas que eram. No entanto, Marcelle falou, com muita propriedade, que poderíamos mudar aquilo que não tinha sido positivo na infância, mas que para isso, era preciso querer e lutar pela opção feita. Chegou a colocar exemplos de coisas que passou enquanto filha e que não deixou que se repetissem com seus filhos.

Nesse momento, perguntei as lembranças boas e ruins que tinham de suas vidas enquanto estudantes e que marcas gostariam de deixar nas crianças que convivem. A discussão sobre isso pareceu um pouco desnecessária, já que parecia claro a importância do nosso papel enquanto educadoras. "...o cuidado e a educação das crianças nos primeiros anos de vida exercem influência decisiva sobre toda aprendizagem e o desenvolvimento posteriores." (Didonet, 2003, p. 83) Sendo assim, coloquei a música da Elis Regina, entregando a letra para que acompanhassem.

Como nossos pais
Elis Regina

Não quero lhe falar,
Meu grande amor,
Das coisas que aprendi

Nos discos...

Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa...

Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado prá nós
Que somos jovens...

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço,
O seu lábio e a sua voz...

Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que estou encantada
Com uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro da nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração...

Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais...

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais...

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando...

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem...

Hoje eu sei
Que quem me deu a idéia
De uma nova consciência
E juventude
Tá em casa
Guardado por Deus
Contando vil metal...

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...

Quando terminamos de ouvir, perguntei se ainda agíamos como nossos pais ou como os professores que tivemos. Foram unânimes em dizer que muitos dos comportamentos que tinham eram repetição de coisas que vivenciaram na infância, mas sempre buscavam uma forma mais adequada.

Concluimos o encontro sem pensar no próximo, estávamos no mês de dezembro com relatórios das crianças, reunião de pais, visitas na Instituição, enfim um mês com muitos compromissos.

Minha avaliação do encontro

Novamente, não consegui cumprir tudo que estava planejado. Dessa vez, não foi por falta de tempo, mas achei que as pessoas não estavam muito envolvidas, ou por estarem refletindo sobre as memórias, esses momentos eram muito intensos ou por preocupação com a rotina. No entanto, acreditava que o objetivo de pensarem em seus relacionamentos com as crianças já estava concretizado. Na rotina, já conseguia ver atuações diferentes dos adultos, preocupando-se em ouvir de forma mais atenta o que as crianças falavam.

Como Marina não estava presente, no dia seguinte, me entregou a escrita de suas memórias.

Minha Infância

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais...”

Minha infância... nessa época, a responsabilidade ainda era quase ausente, pois a que era presente, era a de escovar os dentes. A brincadeira era presente! O tempo não existia, apenas a alegria. A alegria de chegar da escola e sobre a mesa encontrar minha comida favorita feita por minha avó. E com um doce sorriso nos lábios, o abraço forte de agradecimento por aquele grande momento.

Mais um dia se passava, e com a tranquilidade dos anjos, eu ia dormir. Ao deitar-me no travesseiro, não me preocupava com nada. Queria, com muito anseio, apenas que o dia clareasse para que eu pudesse acordar e com minhas bonecas brincar.

Era o raiar do dia, e enfim, eu tinha que acordar, ou melhor, ser arrancada da cama. Os deveres pequenos me esperavam. Eu tinha que me arrumar para ir a escola e depois tomar café. Nessa época, eu comia bem!!

Chegando na escola, era uma festa, vinham todas as minhas amigas para trocarmos figurinhas. Oh, as figurinhas! Hoje isso não existe mais!

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais ...”

Eu era tão pequenina, mas tinha uma vontade enorme de ser gente grande! É... acho que não cresci tanto assim !! Talvez, a solução seria continuar a usar os sapatos de saltos de minha mãe. Quantas broncas levei! Quantos saltos quebrei! Mesmo assim... não parei! Mas tudo tem consequência mesmo quando é pequena, porque se não for assim, mais tarde, nada vale apenas.

Bom, tive que ganhar um castigo, mas eu ainda não entendia, que esse “castigo” era para o meu bem! Minha mãe cansava de explicar, que quando eu crescesse, tudo isso ia passar.

Fiquei muito triste, pois fiquei o dia todo sem ver meus desenhos animados preferidos. “Os ursinhos carinhosos”, “Tom & Jerry” e a “A pantera cor de rosa”. Esses eram os

desenhos animados que eu mais gostava! Minha mãe castigou no castigo, porque doeu em mim. Mas essa dor,aleluia, teve fim !!

Comigo, minha mãe ficou contente, e de surpresa, me deu um presente. Me levou ao parquinho, e ficamos lá, até a noitinha. Tomamos sorvete e eu fiquei toda lambuzada. Fiz a festa. Eu nem ligava que me olhassem toda suja de sorvete porque eu ainda era criança, e quando a gente é criança, não se importa muito com o que os outros pensam. E quando a gente cresce, deixa-se de fazer muitas coisas pelo simples fato de se importar muito com o que vão ou não pensar da gente!

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais ...”

Marina

4.4 Concluindo e avaliando o grupo de estudos

O último encontro do grupo aconteceu no início do mês de dezembro e, depois disso, pensamos em ter um novo encontro no período do recesso, entre o Natal e o Ano Novo, inclusive cheguei a comentar a data com a colega do curso de Pós-Graduação que iria falar sobre a história das concepções de infância. No entanto, achei que a data não era muito viável, as profissionais vinham de um ano cansativo e acreditei que mereciam aproveitar os dias do recesso e Marta já não trabalhava mais na escola e eu queria repensar o caminho do grupo.

No mês de janeiro de 2010, primeiro Marina estava de férias, depois Marcelle e, novamente, adiamos o encontro. Para mim e para Lucimeire, também era um mês de muito trabalho, recebendo visitas, dando informações, com a Colônia de Férias acontecendo e profissionais novos. Resolvemos deixar para fevereiro. Mas eu precisava concluir meu trabalho monográfico e, então, após conversar com a orientadora, decidimos por encerrar os encontros para este trabalho. No entanto, eles continuarão acontecendo como estratégia de capacitação das educadoras da *Brincar de Viver*.

O planejamento que havia feito para o grupo de estudos não teve tempo suficiente para ser desenvolvido. O pouquíssimo número de encontros só trouxe a possibilidade das educadoras refletirem sobre dois aspectos:

1- O que as constitui enquanto pessoas e profissionais está relacionado às suas histórias de vida.

2- A influência que suas histórias de vida, suas concepções, olhares e ações têm na história de vida das crianças que trabalham.

Acredito que essas duas idéias foram muito importantes para despertar e intensificar o olhar e a escuta no espaço da Instituição, fazendo com que as profissionais sintam-se realmente responsáveis pelas lembranças que deixam na vida das crianças e pelo papel que desempenham no dia a dia

“O educador, quando confronta suas idéias, teorias e crenças com a prática, precisa atuar com sensibilidade, estar flexível e aberto para compreender e tomar decisões afinadas com sua intencionalidade e com o que percebe de seus alunos e da situação educativa. A esse processo chama-se reflexão na ação”. (Referenciais para a formação de professores, 1999, p.60)

Com as discussões das memórias da infância, vi, em todas, o interesse de melhorar as relações: vários comentários pontuaram o que poderiam fazer para promover momentos de troca, alegria, descobertas e caminhos que valorizassem a cultura e história de vida das crianças.

Nossos encontros também trouxeram a oportunidade de nos conhecermos melhor enquanto seres humanos e educadores foi possível aprendermos nas relações de alteridade que se estabeleceram e que continuam na nossa rotina da *Brincar de Viver*. Segundo Nunes (2006), “É preciso aprender a buscar e deixar rastros.” (p.6)

Gostaria de ter realizado todos os encontros que foram pensados no prazo planejado, mas isso não foi possível devido a mudanças que começaram a acontecer no nosso dia-a-dia (essas mudanças serão relatadas no próximo capítulo). No entanto, acredito que houve um crescimento no trabalho desenvolvido com as crianças e na relação de compromisso das profissionais com a Instituição. O interesse delas em escrever sobre o que era proposto, abriu o caminho para que façam registros de sua prática.

“O registro escrito é uma ferramenta que favorece imensamente o processo de avaliação permanente: processo de tomada de consciência do que fiz e não fiz, de como me relacionei, do que senti, vivi, transmiti, ensinei: conhecimentos, valores, afetos.” (Tiriba, junho, 1997)

Pedi que relatassem o que acharam da experiência do grupo de estudos: Relato de Lucimeire:

“Eu achei muito interessante os encontros, lembrei de coisas da minha infância que já estavam esquecidas, acho que todos que participaram puderam se conhecer um pouco melhor.

Pena que os encontros foram poucos e muito curtos.”

Relato de Marcelle:

AVALIAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO “Participei do grupo de estudos na Instituição Brincar de Viver Creche Escola, foi muito proveitoso, tivemos a oportunidade de ler alguns textos, reviver momentos de infância e ter contato com algumas lembranças e objetos do nosso passado. Engraçado, que inicialmente, o fato de retomar alguns momentos da minha infância me pareceu banal. Na execução da tarefa, tive muita dificuldade para lembrar e me emocionei quando relatei ao grupo algumas passagens de minha vida. O momento destinado aos relatos foi tenso e pude participar das emoções dos outros integrantes, percebi o quanto foi difícil falar do passado, quanto o passado faz parte das nossas atitudes no presente e quanto é fundamental o nosso olhar para a formação de uma criança. Conclui que a Marcelle de hoje é reflexo da minha infância, e ao longo do tempo, temos que trabalhar os nossos bloqueios.”

Relato de Marina:

GRUPO DE ESTUDO

“O grupo foi de suma importância, uma vez que, resgatamos assuntos que na correria do dia a dia não é possível comentá-los e refletir sobre os mesmos.

Questões relevantes sobre a Educação foram discutidas para que possamos estar alertas sobre assuntos tão delicados que nos rodeiam a todo tempo.

Esses encontros não foram importantes só como mais uma ferramenta de apoio ao trabalho que é exercido diariamente, mas como algo que nos faz pensar em como ser melhor para orientar, guiar e incentivar seres tão indefesos e que estão ali, sob a nossa responsabilidade, e esses seres, conseqüentemente, serão alvos das nossas ideologias, das nossas experiências vividas, mesmo que elas tenham sido boas ou ruins!

Num dos encontros com o grupo, uma das discussões foi esta, sobre a seriedade da consciência que o educador tem que ter para lidar com o aluno sem que o seu passado venha a interferir de forma negativa na vida do educando, pois o passado sempre estará no nosso presente.

Muito enriquecedor também quando foi solicitado que fizéssemos uma redação cujo tema era “Minhas memórias de infância”. Foi incrível o efeito dessa atividade! Ao escrever a redação, não fiz esforço algum para lembrar de coisas que já aconteceram há muito tempo .Foi realmente uma viagem as minhas lembranças .

Foi uma pena que foram poucos encontros, se tivesse se prolongado mais, com certeza, para todos, teria sido mais enriquecedor!”

Capítulo 5

A VOLTA POR CIMA DA *BRINCAR DE VIVER*

É difícil precisar o que aconteceu concretamente para o aumento do número de alunos. Foi uma mudança paulatina que começou a acontecer principalmente no berçário e acredito que foi um conjunto de fatores que desencadeou o novo momento na história da *Brincar de Viver*.

Com a possibilidade de postergar o pagamento dos prestadores de serviços (psicóloga, pediatra e nutricionista), foi possível organizar o orçamento para compra de alguns brinquedos de parquinho e um simples investimento no espaço físico. Essas ações foram importantes para melhorar a aparência do pátio e havia sido uma das idéias que os funcionários tinham colocado como meta na reunião onde foram expostos os problemas financeiros.

O site da Instituição tinha sido reformulado e logo que entrou no ar começou a aumentar o número de visitas. As famílias que estavam indo conhecer ficavam muito atraídas pela “visita *on line*” que oferecemos no berçário. Esse serviço caracteriza-se por uma senha que os pais dos bebês recebem e podem ver as crianças durante o período em que estão na creche, pela internet. A Brincar de Viver já disponibiliza esse serviço há uns três anos, mas nunca pensamos nele como um diferencial muito atrativo para captação de novas crianças. Sempre acreditei que o livre acesso à creche e a relação afetuosa e receptiva com crianças e familiares eram, e acredito que ainda são, algumas das nossas melhores qualidades. No entanto, o interesse das famílias em poder ver seus filhos é surpreendente! Acredito que esse comportamento é derivado do consumismo, da falta de tempo para acompanhar o crescimento e desenvolvimento dos filhos, como também da sensação de controle que esse serviço “ficticiamente” possa trazer. Onde fica a importância de ver o filho olho no olho? A visão através de uma câmera não substitui a relação que as famílias possam estabelecer com toda a comunidade do berçário, mas parece ser essencial nos dias de hoje. Jobim e Souza (2001, p.1) destaca: “...as interações que estabelecemos com as máquinas coloca o objeto-máquina em destaque, criando modos de diálogo inteiramente novos, muitas vezes suplantando as relações entre as pessoas”. Abri esse parêntese com o objetivo de voltar a questão que vem me acompanhando enquanto educadora/gestora:

O que as famílias realmente esperam dos espaços educacionais? Voltando a Jobim e Souza (2001, p. 3): “Com a proliferação das imagens, a cada dia elas perdem mais a sua capacidade de dizer algo a alguém...”

Retornando “A volta por cima da *Brincar de Viver*”. Fiz questão absoluta de participar do período de adaptação das crianças que eram matriculadas, atuando junto com as professoras e em contato direto com as famílias. Esse período é fundamental para tranquilizar os pais, muitas vezes inseguros, sem ter certeza se a creche é a melhor opção para seus filhos. Apesar de discordar desse comportamento, ao longo dos anos, sempre aconteceu tal fato: a presença efetiva da diretora consegue trazer credibilidade para o trabalho que é oferecido. As famílias parecem se sentir mais confiantes em deixar seus filhos na Instituição.

Outro fator importante, nesse período, é permitir que os pais coloquem todos os seus anseios e preocupações, como também, que escutem e verifiquem sobre o relacionamento que os adultos da Instituição têm com as crianças. É no dia-a-dia que o vínculo entre família, criança e Instituição educativa vai se fortalecendo. Acredito que meu papel de gestora e de todos os profissionais é de cativar, estar disponível para acolher, sempre com muita sinceridade e atenção. A *Brincar de Viver* tem esse desafio como meta constante em seu trabalho. Nas aulas do Curso de Pós-Graduação, ouvi muito da professora Léa Tiriba o termo *acolhimento* em substituição ao de adaptação. Também prefiro acolhimento à adaptação e passei a usar o novo vocabulário com as famílias e quero, aos poucos, introduzir o mesmo na rotina da *Brincar de Viver*, por acreditar que é isso que fazemos com todas as pessoas que estão chegando. O trecho abaixo pode ilustrar a importância do processo de acolhimento:

“Se a educação das crianças pequenas é co-responsabilidade das famílias e das instituições escolares, ao invés de esperar dos pais uma simples adesão aos projetos da escola, é necessário construir uma parceria entre sujeitos que atuam de forma diferenciada frente ao mesmo desafio, a educação das crianças pequenas”. (Tiriba, 2001, p.10).

Também houve um movimento interessante por parte da equipe, principalmente da recepcionista, de uma professora, do rapaz que trabalha na escola e meu: a chegada de dois novos bebês trouxe um novo ânimo para todos nós. Depois de um ano difícil, onde vivenciamos muito a saída de crianças e tememos pela continuidade de nosso trabalho, as novas matrículas trouxeram esperança e até mais empenho. Nosso entusiasmo pareceu a mola para conquistar mais alunos e a dedicação de todos nos impulsionava com alegria. Não medimos esforços para estarmos atentos a tudo da Instituição, para que não houvesse problemas e isso, mesmo sem ser verbalizado, mudou nossos olhares.

Aqui, não poderia deixar de afirmar o que acredito, enquanto pessoa, educadora e gestora: as pessoas fazem toda a diferença nos caminhos que são percorridos na vida. Minha vontade de mudar, de buscar, de mostrar uma trajetória educativa que valorize as pessoas envolvidas me fez lutar com todas as minhas forças e emoção para melhorar a *Brincar de Viver*.

O grande diferencial chegou próximo ao final do ano: minha filha mais velha faz Faculdade de Comunicação Social na PUC-Rio e já vinha tentando colocar algumas ações de marketing na escola, mas sempre esbarrávamos no problema financeiro para executar os projetos. No entanto, conseguiu um projeto viável, como detalha a seguir:

“Durante algum tempo, a *Brincar de Viver* usou de algumas estratégias populares de publicidade. Panfletos com promoções eram distribuídos em prédios da vizinhança e em sorteios de escolas públicas, como Pedro II, Colégio de Aplicação; faixas com "matriculas abertas" eram colocadas na frente da escola e até um website foi estruturado, mas o mesmo era estático. As opções feitas pela *Brincar de Viver* até o momento eram as que requeriam um esforço de produção, mas não um esforço contínuo.

As aulas de Publicidade da PUC-Rio costumam exigir que os alunos coloquem em prática os conteúdos aprendidos. Assim, sempre que uma oportunidade surgia e que a mesma tinha o perfil da *Brincar de Viver*, eu tentava utilizá-la como cliente. Em 2007, realizamos uma Análise da Concorrência e de Mercado para assim elaborarmos um Plano de Comunicação. O mesmo foi feito e considerado adequado pelos professores de Introdução à Publicidade da Universidade. Entretanto, exigia um esforço considerável da creche-escola para colocá-lo em prática e poucas ações foram implementadas.

Em agosto de 2009, comecei a fazer Marketing Digital; uma matéria eletiva que abordava diversos temas como otimização de website e Google: como usar a ferramenta para melhor comunicação online. O trabalho final proposto foi escolher uma empresa, ou trabalhar com uma empresa fictícia, e anunciá-la online, usando o Google Analytics e o Google Adwords.

O trabalho realizado com a *Brincar de Viver* começou em setembro, com monitoramento das visitas ao website. Através do Google Analytics foi possível saber informações como tempo de permanência no site, origem das visitas, páginas visitadas e outros dados de importância para compreender quem o site alcançava e para gerar insights sobre como atingir o objetivo da *Brincar de Viver* com um site: captar mais “clientes”.

Após um breve período de análise (uma semana) iniciamos uma campanha no Google AdEords. O google adwords é uma ferramenta que permite que você anuncie seu site quando determinadas palavras foram buscadas no site de busca. Criam-se pequenos anúncios e escolhem-se as palavras que se quer comprar. As palavras escolhidas devem ser as que você imagina que serão usadas pelo seu público alvo quando buscando o seu produto e/ou serviço. O seu anúncio será veiculado quando essas palavras forem buscadas e se o seu website for, de acordo com critérios do Google, adequado àquela busca.

Assim, para a campanha da *Brincar de Viver* foram compradas palavras como: "escolas tijuca", "creches tijuca", "berçário". Além disso, para maior chance de que o site fosse considerado adequado pelo google, as mesmas palavras compradas foram inseridas no texto do site. Os anúncios criados eram dirigidos sempre a uma página específica, de acordo com a palavra buscada. Por exemplo, se "berçário" fosse a palavra, quando se clicasse no anúncio, a pessoa não seria direcionada à página principal, era direcionada a página do berçário e maternal, encontrando assim direto o que buscava.

Principalmente no período inicial, os acessos ao site eram constantemente monitorados pelo Google Analytics e diversas mudanças foram feitas a campanha. Após um período inicial de adaptação, a campanha mostrou resultados positivos como: aumento do tráfego e do tempo de permanência no website. Além disso, houve um acréscimo considerável de contatos entre “prospects”³ e a escola. “...a publicidade veiculada pela mídia é hoje mais formadora de nossa subjetividade do que o ensino escolar”. (Jobim e Souza, 2003, p. 6)

O trabalho para a PUC-Rio foi finalizado em novembro, mas, devido aos resultados positivos dos primeiros R\$50,00 investidos, a escola optou por continuar a anunciar online.

Desde então, já foram mais de R\$300,00 investidos, as visitas do site que, inicialmente, girava em torno de cinquenta visitas semanais, aumentaram substancialmente e hoje, oito meses depois, a campanha tem uma faixa de quinze cliques diários. Os picos de clique foram registrados no período entre dezembro e fevereiro quando não só era o período tradicional de matrículas,

como havia, também, uma campanha de colônia de férias no ar. Assim, atingiam-se a quarenta cliques com um gasto de aproximadamente R\$5,50 diários.”

Desse trabalho em diante, a procura pela Instituição foi surpreendente e com todo nosso empenho o número de matrículas só vem aumentando. Tivemos um crescimento de quase 50% em um ano e isso trouxe a possibilidade de investir na remuneração dos profissionais, no aspecto físico da Instituição e na aquisição de novos brinquedos (o que aprendi, é fundamental para as famílias).

A alegria dos funcionários e minha felicidade estão visíveis e, realmente, 2009 foi “um rio que passou em minha vida”, como vários rios atravessam nossa trajetória, mas acredito que as dificuldades e a credibilidade no trabalho que oferecemos, nos fez continuar. Mesmo sabendo que todos os investimentos têm que ser constantes, precisamos manter o que foi conquistado, e continuar buscando mais, o gostinho de volta por cima está na rotina da *Brincar de Viver*.

Segundo Kramer: (2007, p. 170) “...homens, mulheres e crianças são seres políticos, fazem história, pertencem a classes sociais, produzem cultura, têm uma etnia, têm um sexo; e por pensar que esses aspectos interferem dinamicamente nas várias dimensões da vida humana cotidiana – no caso, na ética que permeia nossas ações.”

Capítulo 6

CONCLUSÃO – É uma vez!

Como concluir uma história que não está concluída? Uma história de amor, como é a minha com a *Brincar de Viver*, nunca terá fim... Sei que ficará na memória das pessoas, nas fotos, nos DVDs, nas conquistas daqueles que um dia ajudaram a escrever este relato.

Tem uma história que está só começando, como muito bem aprendi no Curso de Pós-Graduação, baseada em histórias já construídas e vividas. Talvez continue contando essa trajetória, talvez entregue essa tarefa para uma das pessoas que participou do grupo de estudos e continua se empenhando por deixar rastros na vida das crianças. Segundo Kramer (2007, p. 26), é fundamental: "...focalizar a educação, conhecê-la e dela falar: abordando não só aspectos relativos à construção do conhecimento, mas também à ética, à paixão de conhecer, à afetividade e à criação".

Este trabalho foi muito difícil e prazeroso, simples e conflitante, mas que parece comigo. Tem minha sensibilidade, minhas angústias, preocupações, desafios, onde me dei por inteira, mas que também não consegui atingir todos os objetivos aos quais me propus.

O número de encontros com o grupo de estudos, apesar de ter despertado a preocupação com a memória que os profissionais deixarão na vida das crianças, foi insuficiente para repensar e reescrever a prática. Tenho como desafio voltar aos encontros para cumprir o que havia planejado. Quero continuar esse trabalho que me trouxe a possibilidade de mostrar o que acredito e apresentar meus conhecimentos. Tenho certeza de que com a continuidade do mesmo, as relações estabelecidas dentro da *Brincar de Viver* ficarão melhores.

Minha dificuldade em escrever um texto e fundamentá-lo nos autores e teoria que estudei foi enorme! Enquanto aluna, me empenhava para estudar tudo que era recomendado, participava das aulas atentamente, mas a escrita mais formal, voltando à teoria, como deve ser um trabalho monográfico, foi árdua! Tenho certeza de que aprendi muito mais do que consegui transcrever, minha prática é outra, mais fundamentada, mais consciente, mais empenhada em continuar no que sempre acreditei: olhar as crianças como pessoas que

têm suas histórias, suas individualidades, seus tempos, estão inseridas numa cultura e produzem cultura. Tenho também como desafio voltar a este texto e trazer mais referências para todos que venham a conhecê-lo. Uma experiência bastante significativa foi poder levantar fatos da minha vida pessoal na minha experiência de autora de um trabalho monográfico. Um fato relevante aconteceu quando já começava a escrever este trabalho. Retornei à cidade em que meus pais nasceram e revi pessoas que há mais de vinte anos não encontrava. Muitos primos, tios, amigos, uma nova geração, que só conheciam a Tereza Cristina do “Era uma vez”, mas sabiam da existência da *Brincar de Viver*. Tinham orgulho de saber que eu era proprietária de uma escola, muitos, lembravam do meu sonho de ser professora. Como dizer a essas pessoas que o sonho da escola parecia estar chegando ao fim? Como dizer que minha situação de gestora estava por um fio? Esse episódio contribuiu para me dar ânimo de lutar, queria reescrever o “É uma vez” e tenho certeza de que consegui. Foi um desafio de gestora/educadora/pessoa. Posso voltar a Pós-Graduação: somos um só, independente do lugar que estejamos, nossas histórias nos constituem enquanto pessoas e profissionais. Essa experiência pessoal teve um enorme peso na minha motivação de gestora. E hoje, no momento de concluir este trabalho, posso dizer que continuo com muitas questões quanto aos valores da vida, mas já sou capaz de reafirmar muitas coisas do “É uma vez”.

Segundo Wallon (2005, p. 143): “...a emoção também desempenha um papel importante, pois à ela compete unir os indivíduos entre si através das suas reações mais orgânicas e mais íntimas”

Ainda quero poder contar um caminho de Educação Infantil como conheci em *A Paixão de Conhecer o Mundo*, de Madalena Freire, onde possa afirmar que minha equipe olha as crianças com o compromisso de despertar seus interesses e fazê-las felizes no espaço educacional.

Gostaria que este trabalho pudesse ser útil a gestores de Educação Infantil de instituições particulares, de pequeno porte, para que vejam que acreditar e buscar o melhor para as crianças, sempre será o caminho para uma vida mais digna e feliz.

“É uma vez...”. Uma estudante concluindo um trabalho monográfico, onde várias questões apresentadas devem estar comentadas e analisadas em

textos de vários autores, como Solange Jobim e Léa Tiriba, que falam da sociedade capitalista e de consumo em que vivemos, que talvez justifique a preocupação das famílias em buscar conteúdos para as crianças, desde a mais tenra idade, mas que acredita no valor das relações dialógicas e de alteridade.

Uma mulher que busca relações verdadeiras e que objetivem a felicidade das pessoas envolvidas.

“É uma vez”... uma educadora que quer contribuir para melhorar as relações estabelecidas em espaços educacionais.

“É UMA VEZ.... uma história de amor, preocupações, envolvimento, maturidade, aprendizagem, desafios e compromisso.

“Em primeiro lugar, é necessário tomarmos consciência de nossas limitações e trabalharmos no sentido de aperfeiçoarmos as qualidades humanas. Isto requer olhar para dentro de nós a partir de nossas experiências de vida, de nossas histórias, que precisam ser reconhecidas como parte das histórias que antecedem a história da criança. É nesse momento que convencemos de um outro sentido possível para a felicidade, ou seja, de que ela pode estar na satisfação que adquirimos no ato de contar e ouvir histórias, enfim, na sociabilidade advinda deste privilégio que os usos criativos da linguagem nos concede.” (Jobim e Souza, 2003, p.7)

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura**. São Paulo: Summus, 1984
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: A experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003 (Série Saber com o outro; v.1)
- CARVALHO, Cristina. **“Infância, leitura e escrita: entrando numa escola de formação de professores”**. In: KRAMER, S. et alii. *Educação Infantil em curso*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997
- DIDONET, VITAL. **“A importância de educação nos primeiros anos de vida”**. In: *Simpósio Educação Infantil: construindo o presente*. Anais. P.83-97. UNESCO. 2003
- FREIRE, Madalena. **“A Paixão de conhecer o mundo”**, São Paulo, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Madalena. **“ Todos aprendemos e construímos conhecimentos em grupo ”**. Entrevista: Revista Pátio ANOII, n 4, abril-junho 2004.
- FREINET, Célestin. **Conselho aos pais**. Lisboa, Estampa, 1975.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Lisboa: Moraes Editores Travessa, 1967.
- GUIMARÃES, Daniela (orgs.). **Infância e Educação Infantil**. 7ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 280 p.
- GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **A formação e o desenvolvimento da linguagem na criança - texto (PUC-Rio)**.
- GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Infância e educação infantil: Desafios modernos e pós-modernos – entre a criança-indivíduo e a criança-acontecimento - texto (PUC-Rio)**.
- JOBIM e SOUZA, Solange. **“Educação e felicidade na cultura de consumo”**. In: JOBIM e SOUZA, Solange (org) **Educação @ Modernidade**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003.
- JOBIM e SOUZA, Solange (org.). **Mosaico: Imagens do Conhecimento**. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2000.
- KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel, NUNES, Maria Fernanda & GUIMARÃES, Daniela (orgs.). **Infância e Educação Infantil**. 7ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- KRAMER, S. **“ Infância e história – a necessidade de educar contra a barbárie**. In TIRIBA, Léa (org) **“Educação e Ecologias: desenhando pistas para o terceiro milênio”**. Rio de Janeiro, FASE, Fondation pour Le Progrès de l’ Homme (FPH, França) e VIDA, 2002.
- KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 9ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- KRAMER, S. **“Por entre as pedras – Arma e sonho na escola**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- KULHMANN, M. **“Educação Infantil e currículo”**. In: FARIA, A. L. G. (ORG.). **Educação Infantil pós –LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- LEITE FILHO, Aristeo. **“Preposições para uma educação infantil cidadã**. In: LEITE FILHO, Aristeo GARCIA, Regina (orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- MARTINS FILHO (et alli). **Infância Plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação Infantil**: Instituições, funções e propostas – Série Cotidiano na Educação Infantil, nº23 do Programa Salto para o Futuro, da TVE-Brasil, Nov/2006
- RINALDI, Carla. **O Currículo emergente e o Construtivismo Social**. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI Lella & FORMAN George. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- ROCHA, Eloísa Candal. **“Infância e pedagogia”**: In: Perspectiva, Florianópolis: UFSC/CED, NUP, V.15, P.21-33, JUL/DEZ.1997.
- SARMENTO, M. (2007) **Culturas Infantis e direitos das crianças**. In. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/cria_45.pdf. Visitado em junho de 2010.
- TIRIBA, Léa. **“Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias”**. In: GARGIA, Regina Leite & LEITE FILHO, Aristeo. (Orgs). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (O sentido da escola;18).
- WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- WALLON, Henri. A criança e o adulto. In: **A evolução psicológica da criança**. Portugal: Edições 70, 2005.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 2003